

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

FABRÍCIO DRUMOND CAFARATE

O TEMPO E O VENTO: A IDENTIDADE GAÚCHA

PORTO ALEGRE

2024

FABRÍCIO DRUMOND CAFARATE

O TEMPO E O VENTO: A IDENTIDADE GAÚCHA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa

Orientadora: Profa. Dra. Gínia Maria de Oliveira Gomes

PORTO ALEGRE

2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me proporcionar saúde. Sem Jesus Cristo nada seria possível. Também sou grato pelo apoio da minha família, em especial minha mãe, que esteve sempre ao meu lado, ajudando-me a estudar durante a época do colégio, quando eu ainda não tinha desenvolvido maturidade suficiente para compreender a importância do estudo.

Ressalto que esse trabalho só foi realizado devido a orientação fundamental da Profa. Dra. Gínia Maria de Oliveira Gomes, que aceitou o desafio de embarcar no projeto de navegar mais uma vez pelas páginas d'*O Tempo e o Vento*.

Por fim, saúdo meus amigos com os quais tenho a felicidade de compartilhar bons momentos, aos colegas que estudei junto durante minha trajetória (Colégio Anne Frank, Colégio Piratini e UFRGS) e a todos professores que já tive, desde a professora Jussara que me alfabetizou.

*O mundo passa com as suas
concupiscências, mas quem cumpre a
vontade de Deus permanece eternamente.*

(I São João 2:17)

RESUMO

A presente monografia de conclusão de curso analisa a obra *O Tempo e o Vento* do escritor Erico Verissimo, publicada entre os anos de 1949 e 1962, com enfoque na compreensão da identidade gaúcha. Visando responder à pergunta norteadora: Como é retratado o modo característico de ser do gaúcho n'*O Tempo e o Vento*? O trabalho aborda a constituição da formação territorial do Rio Grande do Sul, seus reflexos nos habitantes da região e a constituição de um estereótipo valente, tendo em vista a constante ocorrência de conflitos armados entre luso-brasileiros, espanhóis e indígenas. Discorre-se sobre o estabelecimento do folclore gaúcho e a forma em que foi encarada ao longo do tempo o conjunto de idiosincrasias associadas ao estado. Trata-se de observar os fatos históricos presentes na obra e analisá-los sob o prisma da ação e interpretação dos gaúchos, apontando como a tábua de valores seguida por eles influencia em suas ações. Por fim, ocorre uma investigação sobre a presença da identidade gaúcha na constituição das personagens e de seus modelos identitários.

Palavras-chave: *O Tempo e o Vento*; Rio Grande do Sul; romance histórico; identidade gaúcha; Erico Verissimo.

RESUMEN

La presente monografía de conclusión de curso analiza la obra *O Tempo e o Vento* del escritor Erico Verissimo, publicada entre 1949 y 1962, con foco en la comprensión de la identidad gaucha. Con el objetivo de responder a la pregunta orientadora: ¿Cómo se retrata la forma de ser característica del gaucha en *O Tempo e o Vento*? El trabajo aborda la constitución de la formación territorial de Rio Grande do Sul, sus reflexiones sobre los habitantes de la región y la constitución de un estereotipo valiente, ante la constante ocurrencia de conflictos armados entre luso-brasileños, españoles e indígenas. Se analiza la instauración del folclore gaucha y la forma en que se vio a lo largo del tiempo el conjunto de idiosincrasias asociadas al estado. Se trata de observar los hechos históricos presentes en la obra y analizarlos desde la perspectiva de la acción e interpretación de los gauchos, señalando cómo la tabla de valores que siguen influye en sus acciones. Por fin, se investiga la presencia de la identidad gaucha en la constitución de los personajes y sus modelos identitarios.

Palabras claves: *O Tempo e o Vento*; Rio Grande do Sul; novela histórica; identidad gaucha; Erico Verissimo.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CTG	Centro de Tradições Gaúchas
FUG	Frente Única Gaúcha
PRR	Partido Republicano Rio-Grandense

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A IDENTIDADE GAÚCHA.....	13
3. FATOS HISTÓRICOS	27
4. PERSONAGENS IDENTITÁRIOS.....	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

A produção d'*O Tempo e o Vento* se desdobrou ao longo de quinze anos. As primeiras sementes da narrativa foram plantadas em 1947, quando Érico Veríssimo iniciou a elaboração d'*O Continente*. Um processo criativo que consumiu anos de pesquisa, reflexão e de escrita. Dois anos mais tarde, *O Continente* é finalmente revelado ao público, apresentando um vasto mundo ficcional.

Logo em seguida, entre os anos de 1950 e 1951, começa a produção do segundo livro da história. Neste intervalo curto, Erico Veríssimo tece os fios da narrativa que ensejam os dramas e as relações que moldam a trajetória das famílias Terra e Cambará. Com a expansão do universo iniciado n'*O Continente*, *O Retrato* se apresenta como uma parte crucial e íntima da epopeia literária. Ele é publicado no mesmo ano em que termina de ser escrito.

Em 1958, inicia-se a produção d'*O Arquipélago*, o último livro da saga. Durante quatro anos, Verissimo se lança na empreitada de dar vida às páginas finais do romance. Somente em 1962, após o trabalho de revisão e aprimoramento, a terceira e última parte d'*O Arquipélago* é finalmente divulgada aos leitores, fechando a história que narra a trajetória da formação do Rio Grande do Sul através do percurso das personagens.

Erico Verissimo revisita o passado para conseguir compreender o Brasil que se desenvolveu sob a ditadura Vargas. Segundo Flávio Loureiro Chaves (cf. 50 ANOS DE O TEMPO E O VENTO, 2011), são realizados questionamentos que buscam refletir sobre esse tema. Como o Brasil chegou nesse estágio? Quais os fatores que proporcionaram a trajetória política brasileira? Como o processo colonial na América incidiu nas ações dos governantes sucedentes? Onde o Rio Grande do Sul se encontra dentro da história e que papel exerceu? São algumas das reflexões que aparecem ao longo da trama.

Através da escrita, ele buscou compreender o surgimento da classe média, da burguesia e da sociedade como um todo. Em virtude disso, *O Tempo e o Vento* apresenta uma rica diversidade de grupos sociais e étnicos, onde cada um contribui na construção e na complexidade de relações humanas da história.

Há o rompimento da errônea narrativa, apregoada por setores da sociedade brasileira, que interpreta o Rio Grande do Sul como uma espécie de Europa dentro do Brasil. No livro, é possível encontrar a presença negra, indígena e das camadas mais

populares da sociedade. A visão do monarca das coxilhas, apesar de estar presente, não é representada como o único modelo condizente com os sul-rio-grandenses.

O projeto d'*O Tempo e o Vento*, se desenvolve de maneira gradativa com múltiplas camadas que abrangem uma vasta gama de temas e períodos históricos. Onde a análise pode ser realizada a partir do menor elemento que compõem a estrutura até ao elemento mais abrangente que permeia e influencia toda a trama.

A primeira camada é a formação das famílias Terra e Cambará, cujos conflitos internos servem como ponto de partida para a teia de eventos que se desenrolará. A introdução gradativa que surge de acordo com as dinâmicas familiares serve como um incipiente sólido que propicia a expansão de temas e cenários através da experiência de personagens concretas. Tal construção é realizada de maneira com a qual o público consegue interpretar os eventos históricos partindo do ponto de vista das personagens.

À medida que a narrativa se expande, entram em cena o município de Santa Fé e o Rio Grande do Sul. A vida na cidade do interior é minuciosamente explorada, revelando não apenas os aspectos cotidianos da comunidade, mas também as disputas pelo poder local que acabam moldando a identidade e a trajetória dos moradores do estado. Nesse nível, a política gaúcha, tão identificada com o caudilhismo latino-americano, começa a adquirir destaque. A partir dessa abordagem, as peculiaridades locais ganham notabilidade e surge a imagem do gaúcho do interior.

Após a construção da história dentro do cenário provincial, Verissimo encontra no Brasil a possibilidade de aprofundar e expandir as relações originadas no ambiente municipal e estadual. A política passa a ser sondada com afinco dentro desse contexto. As disparidades regionais com as peculiaridades culturais que caracterizam o país são retratadas quando ocorre a mudança de localidade. Vivendo fora do estado, personagens têm sua personalidade alterada em comparação ao período em que moravam no Rio Grande do Sul. O estereótipo característico do gaúcho é absorvido pela cultura globalizada que vicejava no Brasil durante o processo de modernização que a nação estava passando no século XX.

Acima de todos os campos descritos paira o encontro que marca a obra desde seu início: a reunião entre o masculino e o feminino. Esse diálogo é representado simbolicamente pelo vento (no lado masculino) e o tempo (no lado feminino). O vento espelha a coragem, a instabilidade e, sobretudo, a brevidade das ações masculinas, ao passo que o tempo significa a estabilidade associada à conduta das mulheres.

Todos os eventos históricos registrados são apresentados através desse inevitável encontro eterno. Cada personagem, inclusive, tem consciência da função que lhe cabe dentro da engrenagem.

Nesse cenário, destaca-se o elemento que congrega a narrativa inteira: a identidade gaúcha. O presente trabalho de conclusão de curso busca analisar a presença e a influência dela dentro da obra. Com esse fim, realiza, no primeiro momento, uma reflexão em cima dos aspectos que a compõem.

A seleção do tema surge em decorrência das perspectivas que despontam com a compreensão desse ponto de vista que possui um caráter determinante para a história. Com o entendimento de que há peculiaridades singulares relacionadas ao povo gaúcho, o texto está sujeito a estudos mais profundos. Os questionamentos realizados pelo autor, que são possíveis de serem encontrados dentro da obra, começam a ganhar respostas.

A história revisita o período colonial do Rio Grande do Sul, um capítulo crucial e tumultuado da formação da região. Durante essa fase, que se estendeu por várias décadas, ocorreram inúmeros conflitos bélicos pelo controle territorial entre as potências imperialistas que marcavam presença na América do Sul. Os embates foram impulsionados pela busca incessante de expansão de fronteiras, acesso a recursos naturais e estabelecimento de rotas comerciais estratégicas.

Além das guerras propriamente ditas, a região foi palco de uma série de atrocidades cometidas pelos invasores estrangeiros. Entre os crimes mais frequentes estavam os saques às aldeias indígenas e às vilas coloniais, que resultavam em perdas econômicas e na destruição de propriedades. Assassinatos eram perpetrados com brutalidade, eliminando não apenas os combatentes, mas civis. O crime de estupro era praticado com frequência, sendo usado como uma das principais armas de terror.

Tais eventos geram traumas em quem os presencia. Sendo assim, Erico Verissimo explora os traços belicosos herdados pelos gaúchos com o processo colonial e com as revoluções que ocorreram tanto sob a monarquia como na república. Soma-se a esse cenário a construção, em alguma medida artificial, criada pelos autores românticos em torno da imagem do homem nascido no Rio Grande do Sul. A união dos eventos históricos com a literatura desenvolvida no Brasil, no final do século XIX e no início do século XX, propiciou a constituição do ideal do monarca das coxilhas.

A metodologia utilizada na investigação do tema proposto baseia-se fundamentalmente na própria obra d'*O Tempo e o Vento*, buscando explicitar através de trechos assinalados a tese elaborada no tocante a presença e a influência da identidade gaúcha na obra. Para tanto, utiliza-se também de artigos teóricos que refletem sobre os atributos que formam um romance histórico, escolas literárias, história do Brasil e o trabalho do autor do livro. Outra fonte que a pesquisa se apoia é a autobiografia de Verissimo (*Solo de Clarineta*), onde ele explica o processo de desenvolvimento de todo universo literário, traçando paralelos de familiares e conhecidos com personagens e de situações que ocorrem com ele e de passagens que são inspiradas nesses fatos.

A tese está organizada em três capítulos. O primeiro faz uma abordagem histórica do Rio Grande do Sul com a introdução do processo colonial, trazendo a história das guerras e os acordos entre Portugal e Espanha que terminaram por definir o território como parte integrante dos domínios da corte portuguesa. Na sequência, conta a trajetória do estado no Brasil colonial e na monarquia, abordando os conflitos que houve com as nações vizinhas e a Revolução Farroupilha. A participação dos gaúchos na república também é narrada. Ressalta-se a contribuição de Júlio de Castilhos para o movimento de proclamação e de como as ideias positivistas do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) definiram o rumo da política nacional e estadual. O primeiro capítulo aborda ainda a construção do estereótipo associado ao gaúcho iniciado por autores ligados ao romantismo. Tenta-se explicar as motivações que fomentaram a criação do folclórico gaúcho, apontando a necessidade da constituição de um mito fundador e os elementos presentes na realidade que foram extraídos nesse processo

Com base no estabelecimento do que pode ser considerado a identidade sul-rio-grandense, a segunda parte do trabalho realiza a construção de um paralelo entre os acontecimentos históricos e a figura emblemática do monarca das coxilhas. Aponta como as idiossincrasias do herói gaúcho (bravura, senso de justiça, apego a terra) influenciam a maneira pela qual os eventos são retratados na obra. Ao explorá-las, enaltece-se como essa figura consegue criar uma mescla de realidade e idealização, transformando eventos históricos em épicos regionais.

O último capítulo analisa os perfis identitários das personagens, destacando os papéis femininos e masculinos na composição da vida social. Reflete-se sobre o rígido imaginário popular que classifica em categorias variadas as mulheres e os homens de

acordo com sua conduta. Por fim, é trabalhada a percepção das próprias personagens em relação à trajetória do Rio Grande do Sul dentro da história do Brasil.

2 A IDENTIDADE GAÚCHA

O território que hoje compreende o Rio Grande do Sul testemunhou uma série de disputas e conflitos ao longo de sua história. Inicialmente sob domínio da coroa espanhola, conforme estabelecido pelo Tratado de Tordesilhas (assinado em 1494), que designou a cidade de Laguna como o limite para a expansão portuguesa no Brasil, ele alternou entre o controle português e espanhol por séculos. A troca constante de governo foi acompanhada de batalhas travadas entre lusos e castelhanos, bem como entre os exércitos das duas coroas contra as comunidades indígenas. Os embates também envolviam missionários jesuítas, muitos dos quais, apesar de serem originários de Portugal e Espanha, agiam de maneira divergente aos interesses das duas nações imperialistas, respondendo diretamente às diretrizes do clero.

Os primeiros colonizadores a chegarem na Capitania d'El-Rei/Continente de São Pedro (nomenclaturas dadas por Portugal) foram os padres jesuítas espanhóis. Iniciado em 1626, o projeto audacioso das reduções previa o estabelecimento de uma sociedade sem vícios e baseada na caridade cristã. A catequização dos indígenas não se restringia ao estudo da bíblia, eram ministradas também aulas de canto, de instrumentos, de escultura entre outras atividades que envolviam o ensino da língua dos colonizadores.

As missões jesuíticas foram tomando maiores proporções com o decorrer do tempo. As cortes europeias passaram a olhar para o trabalho dos jesuítas com certa desconfiança, pois não havia uma gerência da parte delas em cima do que estava sendo realizado. Na medida em que a autonomia nas missões crescia, passou a existir resistência ao poder bélico oficial, conforme fica evidenciado durante o episódio da Guerra Guaranítica (1753-1756). O qual é, inclusive, descrito em *O Tempo e o Vento*.

No século XVII, os bandeirantes paulistas, passando por cima dos tratados vigentes, começaram a percorrer o território atual do Rio Grande do Sul, à época ainda espanhol, a procura de ouro e com o intuito de capturar indígenas para escravizá-los. Em 1641, os bandeirantes foram responsáveis pela expulsão dos jesuítas. No ano de 1676, Portugal, também desconsiderando os tratados, estabeleceu os limites de duas capitanias no Sul, abrangendo uma extensão que ia de Laguna até o Rio da Prata.

O conflito nessa região eclode com o estabelecimento da Colônia do Sacramento pelos portugueses em 1680. Localizada num território controlado pelos espanhóis e em estreita proximidade com Buenos Aires, essa região possibilitava o

acesso direto ao mar. Em um eventual conflito, sua posição estratégica poderia deixar a Espanha em vulnerabilidade. Porém, ainda no mesmo ano, os antigos proprietários recuperaram a região e prendem o líder da expedição portuguesa, Manoel Lobo.

Após a expulsão dos portugueses da Colônia de Sacramento, a rivalidade entre as duas nações intensificou-se consideravelmente. Os territórios situados na região Sul do Brasil e próximos do rio da Prata tornaram-se cenários frequentes de alternância de domínio. Em 1750, foi acordado entre as duas cortes o Tratado de Madri, que visava selar de vez a questão da disputa territorial. O acordo redesenhou os limites fronteiriços, revogando as disposições do Tratado de Tordesilhas. Portugal assegurou o domínio da maior parte da Bacia Amazônica, enquanto a Espanha ficou com o controle da maior parte da região do Prata. O Tratado de Santo Ildefonso, celebrado em 1777, ratificou as disposições do Tratado de Madri, devolvendo a Portugal a ilha de Santa Catarina, enquanto a Colônia de Sacramento permaneceu sob domínio espanhol. Finalmente, o Tratado de Badajós, assinado entre Portugal e Espanha, em 1801, que veio a se tornar o último tratado, consolidou a incorporação definitiva dos Sete Povos das Missões ao território brasileiro.

Ao olhar a história, é inevitável dissociar a guerra como um dos princípios basilares da formação do Rio Grande do Sul. Os conflitos bélicos reverberaram no modo de ser do gaúcho. O processo de consolidação do território sob o domínio luso não significou o aplacamento dos conflitos armados, pelo contrário, apenas a partir do século XX que as gerações subsequentes não estiveram envolvidas em alguma revolução ou rebelião sangrenta.

Findado o período colonial e durante a era imperial, o Rio Grande do Sul lutou ao lado do exército imperial nas guerras contra os países vizinhos, como Argentina, Uruguai e Paraguai. Por estar situado na divisa entre esses países, à exceção do Paraguai, que faz fronteira com os estados do Paraná e Mato Grosso do Sul, o Rio Grande do Sul participou de modo proeminente nas campanhas militares. Tanto no campo de batalha quanto na estratégia militar, uma vez que a maioria dos conflitos ocorreram ou tiveram origem em seu território. Um exemplo disso é a Guerra do Paraguai (1864-1870), que contou com a invasão de São Borja e os cercos às cidades de Uruguiana e Itaquí pelas tropas de Solano Lopes.

A Guerra do Paraguai desempenhou um papel crucial na consolidação da identidade do Brasil como nação. Nesse cenário, a busca pela unidade nacional foi intensificada. O conflito não foi apenas um catalisador, mas também impulsionou a

formação de uma consciência coletiva profundamente enraizada na valorização da pátria. O império, ciente da necessidade de consolidar uma narrativa coerente, explorou a campanha brasileira no Paraguai de forma árdua. Não mediu esforços para destacar os feitos heroicos dos combatentes e os sacrifícios realizados em nome da bandeira imperial.

Anteriormente, a valorização da nação era centrada na apreciação das belezas naturais do território brasileiro, apresentando-o como singular e incomparável. O Brasil, na condição de país recém-independente, encontrava-se numa posição incipiente dentro da história. O império ainda não tinha um passado glorioso que pudesse servir como base narrativa. Os artistas românticos, que se viram diante do desafio de construir uma narrativa própria, identificaram nas paisagens e na natureza do Brasil um terreno fértil para estabelecer as raízes de uma identidade em desenvolvimento. Os românticos brasileiros buscaram na vastidão e diversidade das paisagens tropicais um ponto de partida. O espaço geográfico passou a ser retratado como um organismo vivo, cuja natureza refletia as virtudes do povo brasileiro.

Eram frequentes as publicações que contavam com recursos públicos. O império enxergava no financiamento de obras uma possibilidade de consolidar-se como membro partícipe da cultura nacional. A tentativa da construção da identidade nacional não foi realizada a esmo pelos agentes imbuídos dessa missão. Houve a criação de um órgão público responsabilizado para que tal política fosse bem planejada.

O Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, nasce com a função de, através de uma escrita da história nacional, forjar discursos legitimadores que imbuíssem no imaginário coletivo a ideia de nação. Permitindo assim, com suas pesquisas, discussões sobre a construção de uma ideologia necessária para evidenciar nas massas uma cultura nacional. (Cerqueira. 2020, p.5)

O conflito contra o Paraguai está inserido nesse contexto. As guerras sempre se constituíram como elemento unificador dos países. Ter um inimigo em comum, estar ameaçado, ter um objetivo claro em curto prazo e convocar homens para alistar-se e lutar nas trincheiras são situações que despertam o teor patriótico nos cidadãos ou que vicejam a crítica na oposição, que vê nas mortes e nos gastos excessivos uma chance de desestabilizar o governo vigente.

No Segundo Império brasileiro, essa cultura nacional sofreu influência também dos intelectuais a serviço dos periódicos, que utilizaram da Guerra do Paraguai ora para fortalecer a ideologia política nacional, ora para tentar desestabilizar o sistema monárquico. Podemos perceber, com as análises dos jornais, o ardor dos discursos carregados de patriotismo na medida que buscavam inserir a população nesse universo simbólico de referência. (Cerqueira, 2020, p.12)

A província do Rio Grande do Sul, como já destacado, foi de suma importância na Guerra do Paraguai. Líderes que haviam comandado as fileiras que reivindicavam a secessão sul-rio-grandense na Revolução Farroupilha (1835-1845), caso de Antônio de Souza Neto e de David Canabarro, participaram da expedição compondo as tropas do Império do Brasil em batalhas que foram cruciais para a vitória brasileira ao final do conflito. Grande parte do corpo de combatentes foi formado por gaúchos. O próprio homem que matou Solano Lopes, José Francisco Lacerda (conhecido pela alcunha de Chico Diabo), atingindo-o com uma lança durante a Batalha de Cerro Corá, nasceu no município de Camaquã localizado no Rio Grande do Sul.

A convivência entre os gaúchos com os demais combatentes revelava uma dinâmica complexa, marcada por diferenças culturais e tradições regionais. Os gaúchos, profundamente ligados à sua história e identidade estadual, destoavam-se do restante da tropa brasileira. As habilidades de combate deles cativavam os comandantes, mas as divergências, que abrangiam desde a postura perante o batalhão até as percepções de estratégia militar que deveria ser colocada em prática, geravam tensões conspícuas. A ênfase extrema na cavalaria, característica peculiar dos gaúchos, segregava seus defensores, familiarizados com a metodologia estabelecida na região Sul.

Conde d'Eu, marido da Princesa Isabel e comandante do exército na fase final da guerra, relata a interação entre os gaúchos e os soldados de outras regiões como uma relação desafiadora e, sobretudo, conflituosa:

O sentimento que ao rio-grandense inspiram homens que, em primeiro lugar, não são da província, e que, além disso, andam a pé é sempre de certo desdém. De facto, para ele só há no mundo três denominações, três classes de habitantes: rio-grandenses, ou 'filho do país'; castelhano, ou hispano-americano; e baiano. Para o gaúcho rio-grandense, quer um homem tenha nascido à sua porta, na província de Santa Catarina, quer venha da Lapônia, é sempre baiano. E se, para ele, o gaúcho castelhano é rival odiado, ao menos considera-o seu igual, pois sempre é gaúcho, ao passo que o baiano é um ser inferior, porque não maneja bolas nem laço, não se tem por 'centauro' e não entende ser desonra andar a pé. (Orléans, 1936, p. 103)

Ao observar a interação nada harmônica estabelecida, não se pode ignorar a existência da Revolução Farroupilha como fator determinante. O conflito armado entre a província do Rio Grande do Sul e o império durou dez anos. Foi a guerra civil mais extensa do país. Em 1836, após a Batalha de Seival, houve a proclamação da República Rio-Grandense, ou seja, o conflito que se iniciou em decorrência da cobrança de tributos excessivos da corte em cima da província gaúcha, no tocante ao charque, acabou tomando proporções tão significativas que acarretou num movimento de ordem separatista.

O conflito cessou, a paz estabeleceu-se e o Tratado de Ponche Verde (1845) foi assinado entre as partes, porém as rugas suscitadas no período em que a província e o império mediram forças não foram superadas de imediato. Erico Verissimo, através de uma fala singela da personagem Bibiana, numa conversa cujo tema central era a atuação do exército brasileiro no Paraguai, retrata o sentimento que perseverou por longo tempo no imaginário do gaúcho:

- O imperador então – interveio o dr. Nepomuceno – achou que a guerra tinha chegado a um ponto crítico, e que só um homem podia salvar a situação.

- Esse homem – disse o major, sempre olhando para Luzia – era Lima e Silva.

O padre, que ainda se balouçava na sua cadeira, sorriu e avisou:

- Esse nome não deve ser pronunciado nesta casa. – Fez um sinal na direção de Bibiana – Ela não esquece que Caxias era legalista que combateu os farrapos. O marido de dona Bibiana, capitão dos rebeldes, foi morto no princípio da guerra civil.

O major voltou-se solene para Bibiana:

- Caxias é antes de mais nada um brasileiro e um patriota, minha senhora.

- Para mim é um caramuru – replicou ela, seca.

O major olhou para a ponta das botinas muito lustrosas, acariciou a barba e depois suspirou, dizendo:

- Vejo que muita gente nesta província ainda não esqueceu a Guerra dos Farrapos. É lamentável. Nesta hora devemos deixar de lado todas as questões regionais. O destino da pátria comum está em jogo.

- É um caramuru e basta – insistiu Bibiana, olhando para o dr. Winter como a dizer: “Vosmecê me entende, sabe por que estou dizendo isto.” (Verissimo, 2004, p.229)

A Revolução Farroupilha permaneceu como memória recente décadas após seu fim. Assim como na ficção, inúmeras famílias perderam seus homens na guerra. Além disso, o episódio deixou um legado de desconfiança em relação ao governo central e às instituições vindas de fora do território gaúcho. A sensação de que os interesses locais foram sacrificados em nome de uma suposta unidade nacional gerou um sentimento de distanciamento e ceticismo em relação ao restante do país.

No final do século XIX e durante o século XX, ao remontar a história do Rio Grande do Sul na busca de um mito fundador (explicação primeira para origem de algo), os agentes culturais elegem entre várias guerras, algumas mais recentes, a Revolução Farroupilha. Inclusive, os símbolos usados no período da guerra foram adotados. Em 1891, durante o governo do positivista Júlio de Castilhos, a bandeira e o brasão utilizados pelos rebeldes tornaram-se símbolos oficiais.

A apuração de um conjunto de idiossincrasias que remetesse ao Rio Grande do Sul foi uma busca extensa e com reviravoltas até sua consolidação. O consciente coletivo da identidade gaúcha, que vigora nos dias de hoje, foi se alternando com o decorrer do tempo. Elementos que, outrora, eram malvistas (imagem pampeira e o próprio uso do termo gaúcho como gentílico), atualmente são motivos de orgulho.

Essa seleção de hábitos culturais aptos para serem considerados elementos unificadores, apropriados pela grande maioria dos gaúchos, não poderia ser uma tarefa atingível apressadamente. O Rio Grande do Sul por estar localizado numa zona que se configurou historicamente pela disputa entre lusos e castelhanos por séculos e que depois tornou-se uma zona fronteira, contou sempre com uma cultura plural, engendrada pelo encontro de povos. Além dos espanhóis, dos portugueses e dos indígenas, posteriormente, houve a chegada dos africanos na condição de escravizados no início do século XVII, dos alemães no início do século XIX, dos italianos no final do século XIX, entre outras imigrações.

Por maior que fosse a diligência na tentativa de buscar uma identidade que abarcasse as diferentes comunidades presentes, devido a vasta pluralidade cultural, fez-se necessário a escolha de um modelo que pudesse representar o Rio Grande do Sul e construir a imagem do gaúcho, tanto para apresentar para quem é de fora do estado como para os próprios sul-rio-grandenses terem um modelo como parâmetro de conduta a ser seguido.

O *Gaúcho*, de José de Alencar, publicado em 1870, configura-se como a primeira obra de propagação nacional que tem o Rio Grande do Sul como temática principal. O autor adota uma abordagem idealizada, enaltecendo de forma exagerada a natureza ao descrever o pampa, as coxilhas, as estâncias e a simplicidade da vida no campo. Simultaneamente, introduz elementos heroicos, proporcionando uma perspectiva romântica que se afasta da aspereza da realidade cotidiana.

Com a publicação de *O Gaúcho*, consolida-se a imagem do gaúcho como um ser indômito, imbuído de valentia, destemor, amante da liberdade, com aura de

nobreza e força. Atrela-se ao conjunto de virtudes a imagem de cavaleiro ao herói. O cavalo é posto quase como uma extensão do corpo do homem devido à harmônica ligação existente entre os dois.

O peixe careca d'água, o pássaro do ambiente, para que se movam e existam. Como eles, o gaúcho tem um elemento, que é o cavalo. A pé está em seco, faltam-lhe as asas. Nele se realiza o mito da antiguidade: o homem não passa de um busto apenas; seu corpo consiste no bruto. Uni as duas naturezas incompletas: este ser híbrido é o gaúcho, o centauro da América. (Alencar, 1998, p.20)

No livro de José de Alencar, Manuel Canho, a personagem principal, perde o pai assassinado por Barreda, personagem uruguaio. Cria-se, nesse período, a estigmatização dos gaúchos castelhanos. Seriam eles assassinos, ladrões, contrabandistas, gente da pior espécie. Os bandoleiros argentinos e uruguaio não possuíam honra, não havia heroísmo em suas batalhas. Diferente do bom gaúcho que brigava por sua hombridade e valores, os castelhanos matavam pelo simples fato de apreciar o ato de ceifar a vida alheia.

A antítese do gaúcho castelhano é o gaúcho luso-brasileiro, o homem nascido no Sul do Brasil. Ele é virtuoso, não mata por matar, defende sua família, sua propriedade (normalmente das invasões castelhanas), seu nome e seus valores. A imagem do gaúcho brasileiro, portanto, é dissociada do gaúcho platino. O mito do gaúcho valente começa a consolidar-se, pois além das qualidades atribuídas a ele, há um inimigo contra quem lutar. Nada mais falta ao centauro da América. A construção do novo herói passa a estar completa.

Com a inequívoca separação entre os dois tipos de gaúchos, a literatura reaviva a imagem do Rio Grande do Sul como a região encarregada de defender o território brasileiro dos castelhanos. Os gaúchos assumem o papel crucial de guardiões da fronteira, erguendo-se como protetores das possíveis invasões que ameaçam o Brasil. Dada a sua proximidade geográfica com os países platinos, essa ameaça estrangeira poderia surgir tanto em forma de confrontos armados quanto em influência cultural. A responsabilidade imputada gera uma narrativa que descreve o estado como uma vigilante sentinela disposta a zelar pela integridade nacional

O simbólico movimento de integração entre o Rio Grande do Sul e o restante do Brasil, promovido pela literatura, emerge como um fenômeno de significativa importância. Durante o período que abrange o declínio do império e o surgimento da

república, persistia uma desconfiança de outros estados em relação aos gaúchos, em grande medida devido ao histórico separatista. No entanto, essa reserva contínua também pode ser atribuída à própria localização geográfica do estado.

As regiões de fronteira, intrinsecamente propícias a intercâmbios culturais e fluxos migratórios, desafiam a clara distinção entre pertencimento a uma cultura específica e a imersão em outra. As fronteiras, com sua peculiaridade, funcionam como pontos de convergência. Há, portanto, fortes marcos platinos no Rio Grande do Sul, que além de ser vizinho dos castelhanos, foi território do Reino da Espanha por séculos. O projeto das missões jesuíticas em solo gaúcho, a título de ilustração, foi obra de padres espanhóis. A língua falada e ensinada era o espanhol/castelhano. Ao olhar para o estado, muitos brasileiros enxergavam os gaúchos não como patrícios, mas como estrangeiros, seres que se diferenciavam do restante da nação.

A intelectualidade gaúcha da época percebia a diferença de tratamento enfrentada pelo Rio Grande do Sul. Simões Lopes Neto tratou da questão num de seus ensaios:

Nós, os rio-grandenses, somos uma sub-raça brasileira. Para muitos, felizmente para a grande maioria dos que nos observam, temos traços de distinção da carinhosa família nacional, que valem altamente como prendas individuais e inapreciavelmente como elementos de dignificação e progresso social, em suas múltiplas expansões.

Para outros, porém essas divergências do tipo étnico brasileiro nos caracterizam como enxertos daninhos nesse grande e nobre tronco de uma raça americana; nos assinalam como progênie de antepassados ensaiados em todos os vícios e crimes, ou como possessos de revolucionários e cruezas execráveis, que inculcam a necessidade de expulsão da comunhão social.... (Lopes Neto, 1955, p.28 *apud* Zalla, 2022, p.146)

O movimento literário gaúcho, impulsionado por renomados autores como Simões Lopes Neto, Apolinário Porto Alegre, Caldre Fião e Alcides Maya, desempenha um papel crucial ao integrar a produção literária do Rio Grande do Sul no contexto regionalista da literatura nacional. Essa fusão é evidente nas descrições vívidas das paisagens sulistas, nos trajes típicos, nas danças, nas canções, no apreço pelo churrasco e, principalmente, no singular modo de vida do cavaleiro gaúcho, sempre disposto a demonstrar sua virilidade no campo de batalha.

Esses elementos, anteriormente associados aos países vizinhos, tornam-se símbolos de uma identidade brasileira mais abrangente. O mito do gaúcho transcende as fronteiras regionais e se estabelece como parte integrante da narrativa nacional. Embora tenha causado estranheza entre os habitantes da corte, o gaúcho passa a se

destacar como uma figura discrepante, singular e, ao mesmo tempo, genuinamente brasileira, conferindo uma riqueza única ao quadro cultural do país.

Com o advento da república, em 1889, o Rio Grande do Sul passa a ter mais protagonismo no cenário político brasileiro. O Partido Republicano Rio-grandense participou ativamente do processo que culminou com a proclamação da república. Seu líder, Júlio de Castilhos, configurou-se um dos opositoristas mais ferrenhos à monarquia e como difusor predominante das ideias positivistas no Brasil.

Os principais agentes do dia 15 de novembro, os militares, recepcionaram de maneira simpática os ideais elaborados por Auguste Comte, na França, e difundidos no país pelo Júlio de Castilhos. Em suma, os positivistas arvoravam a concepção de uma sociedade baseada na ciência, onde não haveria espaço para o debate público devido ao despreparo da população para fazê-lo. O governo deveria ficar a cargo de homens instruídos que saberiam agir visando o bem comum.

A nação brasileira começa a ser governada pela teoria que estava em voga há tempos no estado gaúcho. O positivismo torna-se até lema nacional. Os dizeres “Ordem e Progresso” estampa na bandeira a ideologia espalhada por Júlio de Castilhos. A primeira vitória dos gaúchos na república vai de encontro aos interesses dos políticos liberais e dos defensores do antigo regime. A opinião pública do centro do país, representada por muitos intelectuais da época, vira-se contra os gaúchos que ocupavam a cena política. Exatamente como ocorrera durante a Revolução Farroupilha. Revolução na qual, apesar de separatista, tinha como norte a aplicação do ideal republicano no país.

A antipatia direcionada ao Rio Grande do Sul tem suas explicações. O predomínio do ideal autoritário do positivismo no país, vinculado ao Partido Republicano Rio-Grandense, aliado à persistente representação do gaúcho como figura violenta na literatura, resulta em críticas direcionadas ao estado. Assim como faz Silvio Romero, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras:

Almas semibárbaras de egressos do regimen pastoril, envenenadas pelas doutrinas e manhas ditatoriais de um meio positivismo grosseiríssimo, – essas da classe hoje dirigente no Rio Grande do Sul –, não trepidam no manejo dos atos mais violentos, na repressão daqueles que se desviam das normas de seu estreito politicar, e menos ainda em cobrir de insultos e baldões quem quer que não diga amém a todas as suas tresloucadas pretensões. (Romero, 2001, p.198)

Com a ascensão da política rio-grandense no cenário nacional, o gaúcho, romantizado na figura do mito que foi criado no seu entorno, vai além da mera idealização literária, transforma-se num símbolo intrínseco de valores harmônicos que se aliam aos princípios positivistas vigentes. A simbiose entre a rica trama literária e os alicerces positivistas gerou um inovador paradigma para a representação do gaúcho. Não mais confinado ao âmbito da ficção, esse protagonista foi erguido a um patamar palpável, assumindo a condição de arquétipo fundamental na construção da identidade política e social capaz de representar o Rio Grande do Sul.

No século XIX, começam a surgir os clubes republicanos e os primeiros grêmios gaúchos. O positivismo encontra um campo fértil para sua atuação em ambos os tipos de organizações. Sob as diretrizes dos positivistas, começa haver as primeiras tentativas de estabelecimento de uma história oficial. Para isso, busca-se fomentar a imagem do cavaleiro das coxilhas suscitada pela literatura. O folclore, a poesia popular e a própria história a ser ensinada nas escolas e contada nos museus extrai do mito do gaúcho seu arcabouço.

A Revolução Farroupilha se entrelaça ao mito do gaúcho na formação da identidade regional. Desenvolve-se uma interpretação que destaca de forma mais proeminente o caráter republicano inerente ao movimento liderado por Bento Gonçalves, simultaneamente dissociando-o da ideologia separatista. Os farroupilhas são gradativamente reconhecidos como legítimos patriotas brasileiros, e a partir dessa nova perspectiva, a revolta passa a ser considerada como um prenúncio significativo do caminho rumo à república no Brasil.

O movimento revolucionário, assim interpretado, assume um papel mais amplo e preponderante na configuração da identidade nacional, transcendendo as fronteiras geográficas do Rio Grande do Sul. A nova leitura promove uma compreensão mais extensa da Revolução Farroupilha, tornando-a um capítulo profícuo na trajetória do Brasil em direção à forma republicana de governo. A convergência entre a cultura gaúcha e os ideais republicanos delineia um enredo complexo, no qual os farroupilhas se destacam como protagonistas de um movimento que, retrospectivamente, revela-se um como precursor das transformações políticas e sociais que o país viria a enfrentar. Desse modo, a reelaboração da narrativa histórica ressalta a importância da Revolução Farroupilha como um catalisador influente na trajetória republicana do Brasil.

A possibilidade de escrever sobre a revolta foi aberta pela emergência de uma nova geração política. Desprendida do peso que carregavam os que haviam participado da secessão e ávida por constituir um discurso que legitimasse suas posições, essa geração transformava a apropriação de um símbolo antes renegado ao esquecimento em um estandarte, numa postura tanto desafiadora quanto afirmativa. Em seu processo de 'resgate' dos valorosos farroupilhas injustamente esquecidos, iniciaram a construção de uma memória pública, moldada a partir da premissa de um pioneirismo rio-grandense na instituição de determinadas causas, especialmente a abolicionista e a republicana.

Os farrapos passavam a ser considerados exemplos a serem seguidos, nomes a serem laureados e monumentalizados. Suas ações durante a rebelião contra o Império eram consideradas como embrião da causa dos republicanos e não mais como, no discurso de arrependimento de duas décadas antes, resultados funestos das contingências impostas numa lógica de guerra. O protagonismo da província voltava a ser conclamado e passava a ser explicado não mais por uma simples índole guerreira. Partindo de uma leitura específica do positivismo, os autores passaram a considerar a constituição peculiar da província, sua diversidade em relação às demais, e a necessidade de que essa disparidade fosse compreendida pelo todo. O discurso se invertia: se antes a diferença gerava desconfiança de ambas as partes sobre o sucesso de uma união da província em relação ao Império, a partir da década de 1880 passava a ser a grande justificativa para o federalismo. (Zalla, 2011, p.55)

No entanto, no Rio Grande do Sul, sempre houve disputa política e uma acirrada polarização. Além dos positivistas organizados no Partido Republicano Rio-Grandense, os federalistas, reunidos dentro do Partido Federalista, também se faziam presentes na vida pública. Adeptos das ideias liberais, os federalistas defendiam a descentralização do poder central e a maior autonomia dos estados. No tocante ao governo estadual, prestavam ferrenha oposição ao governo do Júlio de Castilhos, não aceitando a constituição estadual vigente. A própria Carta Magna fora montada tendo como base a ideologia positivista.

Por não reconhecer a legalidade da constituição estadual e conseqüentemente as eleições organizadas pelo governo do PRR, os federalistas recorreram às armas em duas oportunidades. Os conflitos armados entre as duas facções políticas foram traumáticos para o Rio Grande do Sul. As rugas existentes entre eles inibiam o estado de alcançar maior relevância na política nacional. Os gaúchos acompanhavam a troca constante de governo entre paulistas e mineiros sem poder interferir de maneira eficiente. Não era possível uma articulação do estado com as outras unidades federativas por conta da desunião que pairava na política estadual.

Só a partir de 1923, com a assinatura do Pacto das Pedras Altas, que começa a arrefecer as divergências entre os partidos políticos. A assinatura do pacto pôs fim à última guerra civil do Rio Grande do Sul, a Revolução de 1923. Com isso, ambos os

polos ideológicos iniciam diálogos que não se restringiam apenas à busca de consenso em pautas específicas, mas que tinham o intuito de solidificar uma união política robusta. Tal movimento acarreta na fundação, em 1928, da Frente Única Gaúcha (FUG).

O mal-estar em relação às oligarquias políticas tradicionais que influenciavam a política nacional, agravado pelas crises econômicas e sociais que assolavam o país, proporcionou um ambiente propício para a consolidação dessa frente unificada. A FUG, através das insatisfações e de interesses em comum, foi capaz de concatenar em prol da convergência diversos grupos, entre os quais se incluíam, além dos políticos gaúchos, líderes militares, intelectuais e segmentos urbanos insatisfeitos. A união dessas insatisfações resultou na eclosão da Revolução de 1930, um movimento que teve seu início no Rio Grande do Sul e que, posteriormente, disseminou-se por outras regiões do Brasil. A atuação da FUG, como catalisadora das forças descontentes, desempenhou um papel fundamental na liderança e articulação do processo revolucionário que levou o gaúcho Getúlio Vargas ao cargo de presidente.

Durante os eventos da Revolução de 1930, os gaúchos chegaram a amarrar seus cavalos no obelisco situado na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. Esse episódio se tornou emblemático, haja vista que a ação representou a conquista do estado sobre a região do sudeste, que por muito tempo deteve o domínio tanto no âmbito político quanto no econômico.

Mais uma vez a opinião pública se volta contra o Rio Grande do Sul. O período na presidência de Getúlio Vargas foi marcante. O país passou por um processo de modernização com a industrialização e com a consolidação de direitos trabalhistas, ao mesmo tempo em que perseguiu opositores e censurou a imprensa. Vargas segue a tradição positivista de Júlio de Castilhos. Os gaúchos novamente são vistos como autoritários, avessos à democracia. O homem gaúcho passa a ser enxergado, perante o Brasil inteiro, definitivamente como um caudilho latino-americano.

Em meados da década de 1940, num cenário onde o Rio Grande Sul encontrava-se apaziguado e unido, começa a recuperação, reinterpretação, valorização e divulgação nos veículos de comunicação da cultura regionalista gaúcha. Os folcloristas, concomitantemente ao uso da imagem heroica criada pela literatura, utilizam a história política do estado para montar a versão final do mito do bom gaúcho, o gaúcho de verdade, o gaúcho capaz de representar todas as virtudes suscitadas nos livros e demonstradas ao longo da trajetória política.

Logo após o término da Era Vargas, em 1948, o primeiro Centro de Tradições Gaúchas foi fundado na cidade de Porto Alegre. O pioneiro grupo era composto por oito integrantes do grêmio estudantil do Colégio Júlio de Castilhos. O fundador mais notável foi Paixão Cortês, que se dedicou por anos à pesquisa da cultura gaúcha. Ao lado dele esteve outro estudioso das tradições gaúchas que adquiriu relevância por sua contribuição, Barbosa Lessa, que ingressou no movimento logo após sua fundação. Eles lideraram o processo de pesquisa das tradições que culminou no conjunto de práticas adotadas por todo movimento regionalista. Tal estudo não ocorreu apenas dentro do Rio Grande do Sul, mas também em Santa Catarina, Paraná, Argentina, Uruguai e Paraguai. Toda cultura gaúcha da América do Sul acabou sendo escrutinada durante o percurso.

O movimento regionalista cresceu de forma exponencial, em pouco tempo diversos Centro de Tradições Gaúchas (CTG) foram sendo fundados. Com o advento de sua criação, passa a ser centralizada a seleção do conjunto cultural que pudesse representar o Rio Grande do Sul. Os CTGs estabeleceram algumas práticas que com o decorrer do tempo tornaram-se populares e ingressaram no imaginário popular.

Dentre as atividades mais emblemáticas do CTG, destacam-se as apresentações de danças tradicionais gaúchas, onde os participantes, vestidos com trajes típicos (estabelecidos através das pesquisas de Paixão Cortês e Barbosa Lessa), executam coreografias que contam histórias de coragem, conquistas e anedotas. As músicas, assim como as danças, também narram histórias de êxitos e causos populares do interior. Sendo comum a competição de trovadorismo, uma herança direta de Portugal, entre os poetas. O CTG se destaca ainda por suas competições de tiro de laço, uma prática que remonta aos tempos dos antigos tropeiros. Essas competições, que envolvem a habilidade de laçar animais em movimento, testam a destreza exigida para vida no campo, ao mesmo tempo em que preservam uma técnica que passou a fazer parte do folclore gaúcho.

A busca por uma construção de identidade, que teve suas raízes lançadas no século XIX, encontrou sua plenitude após a formação de entidades dedicadas à preservação da cultura local. As características, outrora, apregoadas pelos autores filiados à literatura romântica e regionalista, passam a ser difundidas por uma estrutura organizada. Esses valores são incutidos por meio de canções, de poesias, de apresentações, por ditos populares entre outras expressões artísticas e modos de convivência. Toda manifestação cultural ligada ao movimento regionalista incide para

o mesmo ponto. A identidade gaúcha consolida-se como uma marca indelével na cultura brasileira. Sendo o modelo estabelecido idêntico ao apresentado nos primeiros estágios dessa tentativa: o monarca das coxilhas.

3 FATOS HISTÓRICOS

Erico Verissimo elabora o projeto de escrita sob a perspectiva do romance histórico. Ao longo da história são integrados movimentos políticos e sociais que influenciam diretamente no desenrolar da trama. Além da presença de guerras e revoluções que acabam dando curso para o surgimento de novas narrativas e personagens, há também uma rica descrição de cenários, que envolvem o relato de vestimenta, arquitetura, culinária, folclore, entre outras manifestações que marcam a cultura do povo gaúcho.

Assim como nos principais romances históricos, as personagens d'*O Tempo e o Vento* estão no centro dos acontecimentos políticos. O processo colonial, as guerras, as revoluções, as disputas políticas ao lado dos conflitos pessoais formam uma unidade harmônica, onde não é possível imaginar a construção da trajetória pessoal de cada protagonista sem a sua interferência no rumo da história do Rio Grande do Sul e do Brasil. Os planos da experiência individual e do desenvolvimento da sociedade misturam-se. As ações que moldam o curso da história têm repercussões profundas, deixando uma marca indelével não apenas nas vidas dos protagonistas, mas também nas estruturas sociais.

Lukács situa o nascimento do romance histórico no início do século do século XIX, com Walter Scott, coincidindo com a queda de Napoleão. Aos textos antecedentes que situam a ação em épocas pretéritas falta justamente o que o crítico marxista considera condição fundamental para o histórico: a especificidade histórica do tempo da ação condicionando o modo de ser e de agir das personagens. As grandes transformações que marcaram os povos europeus entre 1789 e 1814 reforçou-lhes a consciência histórica. A guerra, não mais restrita aos militares, atingindo os cidadãos, produz um alargamento de horizonte e a difusão do sentimento de nacionalidade entre a massa. Os heróis de Walter Scott não são as grandes figuras históricas. Ao romance histórico não interessa repetir o relato dos grandes, mas ressuscitar poeticamente os seres humanos que viveram essa experiência. Ele deve fazer com que o leitor apreenda as razões sociais e humanas que fizeram com que os homens daquele tempo e daquele espaço pensassem, sentissem e agissem da forma como o fizeram. Trata-se de uma norma da figuração literária, aparentemente paradoxal, que se alcance esta apreensão focalizando os detalhes do cotidiano que parecem insignificantes. Os grandes dramas e as figuras históricas centrais são próprios para a epopeia. O mundo do romance é o da esfera popular. Esta, tensionada pela revolução, pode revelar suas forças, surgindo naturalmente os heróis que para a história são incógnitos. (Weinhardt, 1994, p.51)

Na estruturação do seu romance histórico, Verissimo utiliza-se da mitologia consolidada do herói gaúcho. Entretanto, o aproveitamento é feito de maneira suave,

baseado, na medida do possível, na realidade. Por esse motivo, apesar de configurar-se também como um romance histórico, difere-se consideravelmente dos romances do período do romantismo brasileiro que pretendiam contar a história da jovem nação, mas que recorriam às imagens exageradas características da escola romântica.

Ocorre que o mural representativo da nossa formação, fixando tanto os mitos fundadores quanto a sequência dos fatos, também não era uma ideia nova. Vinha do romantismo nacionalista (leia-se Alencar) e reapareceu em diversas correntes do modernismo a partir dos anos 20, rodando até a concepção do *Macunaíma* de Mario de Andrade. O volume inaugural de *O Tempo e o Vento*, em 1949, não incorporou, pois, à ficção o “projeto” do romance histórico, que já era antigo. Erico Verissimo ofereceu, isto sim, a chave da sua resolução formal que, fossem quais fossem os antecedentes, não havia sido encontrada até então. Esse é o motivo pelo qual constitui um marco decisivo. Afinal, o triunfo da criação não residia na mera descoberta de um tema, mas na sua expressão ótima, que acaba por incluí-lo definitivamente na nossa visão do mundo. (Chaves, 2000, p.70).

A história do Rio Grande do Sul é apresentada de uma forma densa e ao mesmo tempo lúdica na obra. Inclusive, é possível a realização do estudo da história gaúcha a partir da leitura, mesmo com todas as licenças poéticas que cabe à literatura. Encontra-se, no universo desenvolvido, personagens que de fato existiram e que atuaram na vida pública gaúcha. O leitor se depara com figuras como Júlio de Castilhos, Gaspar Silveira Martins, Borges de Medeiros, Assis Brasil, Pinheiro Machado, Getúlio Vargas entre tantas outras que marcaram a política nacional.

As personagens históricas não estão presentes apenas para dar caráter de verossimilidade à história. As ações delas baseiam-se na conduta adotada durante a trajetória pública de cada uma. Como todo romance histórico, existe a preocupação em seguir uma coerência em relação aos fatos que estão sendo relatados. O uso das figuras públicas de maneira coesa acaba aumentando a veracidade d'*O Tempo e o Vento* à luz da história.

A exemplo disso, Júlio de Castilhos é adequadamente retratado como o político e jornalista incendiário que verdadeiramente foi. O republicano positivista que despertava paixões nos seus seguidores e fúria nos detratores, conseguiu a façanha de instigar em Licurgo, que era conhecido pela aversão a sentimentos mais vigorosos, uma admiração tão intensa que acabou por guiar toda a sua atuação política.

Assim como os relatos apontam, Gaspar Silveira Martins aparece como um homem apaixonante. O líder federalista, ao chegar em Santa Fé, não age como esperado. Em vez de dirigir-se à residência dos Amarais, que eram companheiros de

partido, ele opta por bater à porta do Sobrado. Apesar das marcantes divergências ideológicas entre eles, o renomado orador conquista, com sua eloquência singular, a família Cambará. Este episódio, além de ilustrar a complexidade das relações políticas da época, ressalta a habilidade de Silveira Martins em cativar até mesmo adversários.

Os dois líderes que polarizaram a política gaúcha após a Revolução Federalista, Borges de Medeiros (sucessor de Castilhos) e Assis Brasil (sucessor de Silveira Martins) também têm sua personalidade explorada. O primeiro segue fielmente o modelo gaúcho de caudilho. Suas práticas autoritárias acarretam na dissidência dos Cambarás do Partido Republicano Rio-Grandense. Já Assis Brasil, é retratado de acordo com a fama de proeminente no campo das letras pela qual era conhecido. O polímata chega a gerar desconfiança até em quem o admirava nos assuntos da política, devido a sua cultura de mundo e ao seu comportamento mais identificado com os homens públicos da corte.

- Diante de tudo isso, é fácil compreender a má vontade do eleitorado do Rio Grande para com o doutor Assis Brasil. Nossa gente não o considera um gaúcho legítimo. O homem é civilizado, barbeia-se diariamente, anda limpo e bem vestido, mora com conforto, tem livros, tem cultura, viaja, fala línguas. (Verissimo, 2004, p.215)

Os outros dois políticos gaúchos de presença constante, Pinheiro Machado e Getúlio Vargas, são descritos como figuras magnéticas. O poder de envolver seguidores e de fazê-los agirem de acordo com os seus interesses foram as características que catapultaram a ascensão de ambos no cenário nacional. Doutor Rodrigo, personagem acostumado a conquistar a todos com seu carisma, viu-se atraído pelos dois.

O senador Pinheiro Machado chegou a ir ao Sobrado para atenuar as divergências dos Cambarás para com o PRR. Na visita, promete um futuro grandioso a Rodrigo. Para conquistá-lo, o jovem deveria seguir os conselhos do caudilho gaúcho. Mesmo discordando do conteúdo da conversa, Rodrigo não consegue se opor. A figura do senador o comovia tanto que chegava a remeter a Licurgo. O jeito autoritário dele, ao invés de afastar, aproxima Rodrigo que estava acostumado e era um admirador da figura masculina gaúcha.

A relação com Getúlio Vargas foi mais próxima. Rodrigo torna-se amigo pessoal do presidente da república. Segue-o com tamanha devoção que abandona o ideal democrático para acompanhá-lo durante o período do Estado Novo. O carisma de

Vargas consegue fazer Rodrigo, que havia se afastado do PRR devido ao autoritarismo de suas lideranças e, como resultado, prejudicado sua promissora carreira política, a apoiá-lo em suas decisões mais autocráticas.

As figuras políticas presentes na narrativa, independentemente do polo político, seguem à risca o estereótipo do gaúcho indômito. Quando não estão filiadas ao modelo, sofrem as consequências, como é o caso do Assis Brasil. A imagem dos políticos estaduais gaúchos que está no livro é a mesma que emergia na opinião pública. Como foi citado anteriormente, a imprensa, em especial do centro do país, estava mais do que acostumada a tratar os líderes gaúchos de acordo com chavões criados pela literatura.

O Tempo e o Vento apresenta ao público diversos eventos históricos que marcaram o Rio Grande do Sul e o Brasil. A saga começa com a chegada dos europeus e os consequentes conflitos entre os colonizadores e as populações nativas, retratando os choques culturais e os embates territoriais que caracterizaram o processo de colonização europeia na América. Ainda durante o período colonial, também aparecem os embates geopolíticos entre portugueses e castelhanos.

A narrativa avança para o século XIX, capturando a independência do Brasil em 1822. Os confrontos antecedentes e subsequentes, como a Guerra Contra Artigas (1816-1820), Guerra da Cisplatina (1825-1828), Guerra Contra Oribe e Rosas (1851-1852) e a Guerra Contra Aguirre (1864-1865) estão presentes por meio de relatos e memórias.

- Ainda que mal pergunte – começou batendo o isqueiro para acender o cigarro que se apagara -, donde vem o amigo?

Rodrigo fez um gesto largo e respondeu:

- Venho de muitas guerras.

- Andou pela Banda Oriental?

- Se andei pela Banda Oriental? Mais duma vez.

Nicolau trouxe a sobremesa num pires trincado, com um garfo sem cabo. Rodrigo preferiu usar adaga. Tirou-a da bainha e cortou com ela um pedaço de pessegada, depois um naco de queijo, espetou-os ambos na ponta da arma e levou-os à boca.

- Sentei praça com dezoito anos e em 1811 andei com as forças que invadiram a Banda Oriental.

- E que tal foi a coisa?

Rodrigo encolheu os ombros.

- Não foi das piores. Deu pra gente se divertir.

- Meu pai esteve também nessa guerra.

- Como é o nome dele?

- Pedro Terra.

- Nunca ouvi falar.

- Mas ele esteve – afirmou Juvenal, num tom quase agressivo.

- Está bem. Não desminto. Só disse que não conheço o nome. Uma curta pausa.

- Entrei em Montevideu em 1817 com as forças do general Lecor – prosseguiu o capitão. - As castelhanas são mui lindas. – Sorriu. – Houve uma noite que eu fui para o quarto com três. E dei conta do recado. Tinha nesse tempo vinte e poucos...

Juvenal não disse nada. Depois dum curto silêncio falou:

- Meio feio a gente invadir a terra dos outros, não?

- Não tivemos a culpa. O governo da Banda Oriental pediu a proteção do nosso. Estava malito, porque o Artigas andava fazendo estripulias por lá. (Verissimo, 2004, p.214-215)

O segundo volume d'*O Continente* tem no início as lembranças do Bolívar em campos de batalhas. Ele lutara numa das tantas campanhas brasileiras em solo estrangeiro. Durante um combate, com seu adversário desarmado, Bolívar acaba matando-o com uma lança. Ao chegar em Santa Fé, não se perdoa, pois, na sua compreensão, não havia procedido da maneira correta. O código do gaúcho valente que encontra heroísmo dentro do campo de batalha não tinha sido respeitado com tal atitude.

A presença de Bolívar numa guerra, apesar de sua vida ter se dado em tempo exíguo, marca algo que de fato aconteceu na história do Rio Grande do Sul, ou seja, que toda geração de homens de uma família teve uma guerra ou revolução para chamar de sua. O filho de Bibiana segue e transmite o legado Cambará para as gerações vindouras.

A Revolução Farroupilha emerge como um ponto crucial na narrativa, capturando as tensões e divisões sociais que afligiam o Rio Grande do Sul. Nesse episódio histórico, Erico Verissimo se detém com afinco para a construção da identidade gaúcha. A maneira com que a guerra é encarada pelas personagens se enquadra perfeitamente à imagem bárbara do homem da fronteira.

Um dos personagens mais célebres, o Capitão Rodrigo, lidera as tropas de Santa Fé contra as forças imperiais. Sob seu comando, os farroupilhas têm como conduta a imprudência nos combates, oriunda de uma bravura peculiar do gaúcho.

Saltou da cama, botou o chapéu. Bibiana também se ergueu e se aproximou do marido, agora mais infeliz que nunca.

- Por amor de nossos filhos, Rodrigo, tenha cuidado.

Ele tornou a beijá-la na testa, nos cabelos, na boca, dizendo:

- A vida vale mais que uma ponchada de onças. A gente passa trabalho numa guerra, mas se diverte muito.

Apanhou a espada que deixara sobre a mesa, e exclamou:

- Me frita uma linguça que eu já volto. Até logo, minha prenda!

Precipitou-se para fora. Montou o cavalo e voltou a cabeça na direção de sua casa. Vislumbrou o vulto da mulher no desvão da porta e gritou-lhe:

- Cuidado com alguma bala perdida!

Antes de começar o ataque ao casarão, Rodrigo foi à casa do vigário.

- Padre! – gritou, sem apelar. Esperou um instante. Depois: - Padre!
 A porta da meia-água abriu-se e o vigário apareceu.
 - Capitão! – exclamou ele, aproximando-se do amigo e erguendo a mão, que Rodrigo apertou com força.
 - Foi só para saber se você vai perder muita gente, capitão. Os Amarais são cabeçudos e têm muita munição.
 - Eu também sou cabeçudo e tenho muita munição.
 - Por que não espera o amanhecer?
 Rodrigo deu de ombros.
 - Pra não deixar a coisa esfriar.
 - Olhe aqui. Vou lhe dar uma ideia. Antes de começar o assalto, por que vosmecê não me deixa ir ao casarão ver se o coronel Amaral consente em se render para evitar uma carnificina?
 - Não, padre. Não é isso que dizem as Escrituras? Se alguém me convidasse pra eu me render, eu ficava ofendido. Um homem não se entrega.
 - Mas não há nenhum desdouro. Isto é uma guerra entre irmãos.
 - São as mais brabas.
 De cima do cavalo Rodrigo ouvia a respiração chiante e irregular do sacerdote. Lembrou-se das muitas conversas que tiveram noutros tempos,
 - Vosmecê é um homem impossível...- disse o padre, desolado.
 - Acho que esta noite vou dormir na cama do velho Ricardo. – Sorriu. - Mas sem a mulher dele, naturalmente...E amanhã de manhã quero mandar um próprio levar ao Chefe a notícia de que Santa Fé é nossa, A província toda está nas nossas mãos. Desta vez os legalistas se borraram! Até logo, padre. Apertaram-se as mãos.
 - Tome cuidado, capitão. Vosmecê se arrisca demais.
 - Ainda não fabricaram a bala que há de me matar – gritou Rodrigo, dando de rédea. (Verissimo, 2004, p.358-360)

O processo de transformação política continua a ser explorado à medida que a transição do regime monárquico para o republicano está presente dentro da história. Nessa fase, o protagonista Licurgo, propaga por Santa Fé as ideias positivistas de Júlio de Castilhos. Para tanto, é fundado na cidade o Clube Republicano. Os jovens republicanos, liderados pelo próprio Licurgo, passam a ter como rival o clã dos Amarais.

Assim como na Revolução Farroupilha, mais uma vez os eventos políticos misturam-se com as rusgas familiares. Cambarás e Amarais, sempre em campos opostos, representam as oligarquias gaúchas que buscam o poder por meio da política. A família Cambará simboliza a luta pelas ideias progressistas, em oposição aos Amarais que estão identificados com a estabilização do poder.

Tinha razão Toríbio Rezende quando afirmava que a ideia republicana podia ser comparada com uma onda que ia aos poucos crescendo e que acabaria não só lavando a mancha da escravidão como também derrubando o trono! Proclamada a República, Santa Fé ficaria livre dos Amarais, e homens como Toríbio e ele, Licurgo, iriam dirigir a política municipal, eliminando o favoritismo, as injustiças e as arbitrariedades. Em pensamento, Licurgo via Toríbio a falar e gesticular; O capitão Rodrigo botou sua marca no rosto do velho Bento, só ficou faltando o rabinho do R. Pois bem, Curgo. Quem vai completar o serviço (Toríbio pronunciava *serviço* com um é muito aberto) é você, não com uma adaga, mas simbolicamente, levando para diante a

campanha abolicionista e republicana, e livrando Santa Fé de seu sátrapa. (Verissimo, 2004, p. 288-289)

A pauta mais progressista, no entanto, não significa o rompimento com a estrutura da sociedade por quem a defende, nem a desconstrução da imagem de cavaleiro das coxilhas. Licurgo continua sendo o representante de uma elite agrária que mantém e dissemina o mesmo comportamento associado ao gaúcho. Pode-se notar isso com seu comportamento durante a cerimônia que marcou a alforria dos escravos da estância.

E o desfile continuou. Licurgo mal podia conter sua impaciência. Não conseguia convencer-se a si mesmo de que aquela era uma grande hora – uma hora histórica. Não achava nada agradável ver aqueles negros molambentos e sujos, de olhos remelentos e carapinha encardida a exhibir toda a sua fealdade e sua miséria naquela casa iluminada. E como eram estúpidos em sua maioria! Levavam a vida inteira para atravessar a sala e depois ficavam com o papel na mão, atarantados, sem saber que fazer nem para onde ir. Era preciso que ele gritasse: “Agora vá embora. Não! Por ali. Volte pro quintal”. (Verissimo, 2004, p. 355)

A impaciência de Licurgo para com os recém-libertos explicita o papel que ele ocupa: o de coronel. Sua luta pela proclamação da república e pelo fim da escravidão é salutar, não pode ser deslegitimada por completo, mas é necessário compreender a personagem. Perceber que, em muitas vezes, o anseio que move Licurgo é o mesmo que impulsionou a tentativa de criação do Emplasto Brás Cubas, no livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, ou seja, a sede pela nomeada, a vaidade em demasia.

A vontade de ser reconhecido, admirado e, concomitantemente, temido não é exclusividade de Licurgo. Em todos os eventos políticos ou decisões pessoais há a necessidade das personagens masculinas em manter inviolável o papel de chefe que recai em cima deles por direito. Parte dos conflitos são gerados a partir do encontro entre homens que seguem a mesma conduta.

A rivalidade entre as famílias Cambará e Amaral surge com o confronto de dois homens acostumados a exercerem liderança. Capitão Rodrigo e Coronel Amaral desentendem-se desde o primeiro diálogo travado, onde o Coronel, temeroso com a presença de Rodrigo em Santa Fé, quer expulsá-lo a todo custo.

Ricardo voltou-se devagarinho na direção da mesa, lançando um olhar torvo e enviesado na direção do interlocutor. Depois, dominando a voz, disse:
- O melhor mesmo é vosmecê ir embora de Santa Fé o quanto antes.

- Por quê?
 - Por que sim.
 - Que é que há contra mim?
- Ricardo hesitou por um instante, acariciou nervosamente o cabo da faca e disse:
- Vosmecê não tem jeito. Sou um homem muito vivido e vejo logo quando uma pessoa pode se dar aqui e quando não pode. Logo que me falaram na sua pessoa, senti que vosmecê não podia esquentar lugar em Santa Fé e que mais cedo ou mais tarde ia nos dar trabalho.
 - O coronel está me tratando como se eu fosse um castelhano, um estrangeiro, um inimigo.
- Ricardo pareceu meio abalado com o argumento. Tartamudeou um pouco antes de responder, mas o tom firme e teimoso em breve lhe voltou à voz.
- Conheço um homem até pela maneira como ele anda vestido. Esse seu lenço vermelho é um sinal de fanfarronice.
 - Coronel, vosmecê está enganado.
 - Nunca me engano com homem nem com cavalo. Vosmecê tem um jeito de olhar e de falar com as pessoas que faz o sangue da gente ferver.
 - Não é minha culpa. Nasci assim.
- E imediatamente Rodrigo percebeu que a voz lhe saíra atrevida e agressiva.
- Meu avô costumava dizer que homem também se doma, como cavalo.
 - Nem todos. (Verissimo, 2004, p. 251-252)

As disputas personalistas marcam os eventos políticos na obra. Após a proclamação da república, o controle político da cidade de Santa Fé muda de mãos e passa a pertencer a família Cambará. Licurgo era filiado ao Partido Republicano Rio-grandense, desde antes do novo regime entrar em voga. Sendo assim, no momento em que a monarquia foi extinta, Licurgo, na condição de liderança local do partido, assume a intendência municipal.

O período que corresponde ao início da república é marcado pela forte polarização na política gaúcha. Chimangos (correligionários do PRR) e maragatos (adeptos do Partido Federalista) disputam o governo do estado. Em pouco tempo, há um recrudescimento no duelo entre os dois partidos e os atos de violência tornam-se corriqueiros.

Os constantes conflitos entre as duas agremiações acarretam, em 1893, na Revolução Federalista. O movimento incitado pelos federalistas fez com que o Rio Grande do Sul virasse palco de batalhas durante três anos. O conflito armado deu origem a uma série de confrontos intensos, onde táticas de guerrilha e emboscadas eram frequentemente empregadas. As regiões rurais sofreram um impacto significativo, tornando-se alvos recorrentes de violência e pilhagem, com fazendas sendo saqueadas e comunidades inteiras tumultuadas pela instabilidade e pela violência desenfreada.

Ao lado da Revolução de 23, a Revolução Federalista é o evento histórico sobre qual Erico Verissimo mais se detém. A saga, inclusive, tem seu nascedouro no cerco ao Sobrado realizado pelos federalistas. Fica explícito, desde o início, o impacto que os desentendimentos pessoais têm dentro da guerra. As próprias consequências que o cerco gera na família Cambará são fruto do orgulho existente.

Licurgo mantém a família ao seu lado para não ter que pedir clemência aos rivais políticos. Mesmo com as frequentes reivindicações de Maria Valéria, ele não cede. O posicionamento sectário leva ao parto malsucedido da sua mulher. A criança vem natimorta ao mundo e Alice em pouco tempo padece. No entanto, a vitória sobre os federalistas se concretiza, trazendo consigo o sentimento de vaidade próprio do cavaleiro das coxilhas.

Licurgo caminha de cabeça erguida, com o sol e o minuano na cara. A seu lado o padre fala incessantemente, contando-lhe suas proações daqueles últimos dez dias. Ficou prisioneiro de Alvarino Amaral enquanto durou o cerco e, por mais de uma vez suplicou que o deixasse ir até o Sobrado para ver como estavam as mulheres e as crianças. O chefe federalista, porém, repelira-lhe a sugestão. Sabia que a revolução estava perdida para seu partido, mas tinha esperanças de forçar Licurgo a pedir tregua: queria “quebrar-lhe o corincho”.

O padre tem de gritar para se fazer ouvir, pois o sino continua a bimbalar. Aos poucos se vão abrindo as portas e janelas das casas ali da praça; algumas pessoas metem a cabeça para fora, espiam, ariscas, e depois, compreendendo o que se está passando, aventuram-se a vir para a calçada e, descobrindo conhecidos no grupo que atravessa a praça, começam a acenar-lhes e gritar-lhes coisas.

Na mente de Licurgo o telegrama já tomou forma:

Ilmo. Sr. Dr. Júlio de Castilhos
Palácio do Governo
Porto Alegre

Tenho a honra comunicar Vossência Santa Fé acaba de ser libertada. Após vários dias de cerco minha residência onde resisti com grupo valerosos leais correligionários, inimigos abandonaram cidade aproximação bravas forças republicanas Cruz Alta. Viva o Partido Republicano! Viva o Rio Grande! Viva o Brasil! (Verissimo, 2004, p.398)

Mesmo com a dispersão do movimento revolucionário, chimangos e maragatos continuam disputando o poder no Rio Grande do Sul. No entanto, a partir da vitória no conflito armado, o PRR expande ainda mais seu domínio na política. Acusações de perseguição a opositores crescem no período. As lideranças partidárias de dentro do PRR que não estavam inteiramente alinhadas com as ordens do diretório central passaram a sofrer retaliações.

Licurgo, que sempre fora uma liderança importante na região, começa a ter adversários políticos no próprio PRR. Junto com seus filhos Toríbio e Rodrigo, posiciona-se contrário aos candidatos do partido nos níveis municipal, estadual e nacional. A situação fica insustentável quando Rodrigo, na condição de deputado estadual, realiza na tribuna da Assembleia Legislativa um discurso direcionado ao autoritarismo em vigor. Nesse momento, a família Cambará rompe definitivamente com Borges de Medeiros (governador de 1913 até 1928) e passa a fazer oposição ao governo estadual.

No interlúdio das duas revoluções incitadas pelos federalistas, as eleições que ocorreram foram marcadas pela violência, repreensão e o coronelismo típico da Primeira República. O processo eleitoral tumultuado do Rio Grande do Sul é explorado por Verissimo. As disputas entre chimangos e maragatos são retratadas constantemente. A família Cambará, ao não responder mais pelo PRR, coloca-se no lado mais vulnerável. Os homens da família, em especial Rodrigo, sofrem retaliações de políticos locais devido aos ataques públicos desferidos à intendência municipal.

A situação torna-se novamente insustentável e, assim como em 1893, eclode a segunda revolução federalista. A guerra entre os dois partidos políticos ganha alguns capítulos na obra. Os Cambarás passam a lutar pelo lado federalista. Licurgo, que não adere ao lenço vermelho e ainda ostenta no peito o lenço branco dos republicanos, comanda as forças revolucionárias de Santa Fé. Toríbio, como apreciador do combate físico, lidera a cavalaria de lanceiros. Rodrigo integra o comando que delibera as decisões no tocante à tática militar e também compõe as fileiras de combate com arma em punho.

O Tempo e o Vento não romantiza as guerras narradas. Apesar de retratar a conduta heroica de gaúchos, não o faz de maneira superficial. O cavaleiro das coxilhas segue um modelo de conduta no qual a honra e a coragem são buscadas com obsessão, mas nem por isso há uma construção romântica idealizada por trás. Sendo assim, a guerra é descrita como um evento causador de mortes e traumas, responsável por deixar sequelas que não são sentidas apenas pela geração que lutou ou presenciou-a, mas também pelas gerações seguintes.

Matei meu pai. O velho não queria vir... Eu insisti. Agora é tarde, não há mais remédio, está tudo acabado. Imaginou a reação da gente do Sobrado ao receber a notícia... *Matei meu pai.* Mas todos morrem! Por que me culpam? Quantas centenas de pessoas estão morrendo neste mesmo instante no Rio Grande? Não te iludas. Não confundas teu caso particular com os outros.

Mataste o teu pai. Tu sabes. Mataste também o Miguel Ruas. O Cacique Fagundes. O Jacó Stumpf. O Pedro Vacariano. O Cantídio dos Anjos. Das outras vítimas tuas nem os nomes sabes... (Verissimo, 2004, p. 81)

Após a Revolução de 1923, os últimos acontecimentos históricos presentes na trama são a Coluna Prestes (1824-1927), a Revolução de 1930, a Revolução Constitucionalista (1932) e a declaração do Estado Novo (1937). Embora esses acontecimentos ultrapassem as fronteiras do Rio Grande do Sul, os gaúchos permanecem como figuras centrais, destacando a influência regional. Erico Verissimo entrelaça suas personagens no conturbado contexto nacional, expandindo o cenário para o Rio de Janeiro.

A abordagem ampla permite a exploração das relações constituídas entre os protagonistas e o contexto político e social do Brasil da época. A história dos eventos mistura-se com a narrativa desenvolvida de forma impactante. A família Cambará tem seu destino alterado com o êxito do movimento que pôs Getúlio Vargas na presidência.

Dr. Rodrigo participa ativamente do processo revolucionário. O trem que levava a comitiva dos líderes passou por Santa Fé, causando alvoroço na cidade. A pedido de Vargas, Rodrigo se integra ao grupo que derrubaria a República Velha. O movimento contou com a presença de antigos adversários políticos. A partir daquele momento, não havia mais divisão entre chimangos e maragatos. O Rio Grande do Sul se unia em prol dos mesmos objetivos. Os caudilhos políticos das famílias tradicionais passaram a defender o mesmo lado (até a consolidação do novo governo). A disputa não era mais travada a entre Amarais e Cambarás, e sim entre interesses regionais e visões ideológicas mais aprofundadas.

Na Revolução Constitucionalista de 1932, pela primeira vez um clã familiar se divide durante um conflito armado. Toríbio, que lutara na Coluna Prestes, novamente se envolve numa revolta nacional. O maragato, defensor da democracia e do Estado de Direito, integra as fileiras paulistas que defendiam através do uso das armas a promulgação de uma constituição. Indubitavelmente, por trás da causa primordial que impulsionou a revolução, existia o anseio de São Paulo em recuperar o protagonismo na política do Brasil.

Assecla de Getúlio Vargas, Rodrigo, põe-se contra o movimento paulista. Sua interpretação sobre a Revolução Constitucionalista é menos ideológica e mais prática, enxerga o combate restritamente como um conflito entre estados. A relação entre os

irmãos, que sempre fora marcada pela fraternidade, estremece daquele momento em diante. A cisão entre os Cambarás simboliza a transformação que o Rio Grande do Sul enfrentou com a chegada da modernidade.

Em nenhum instante há uma difusão artificial ou idealizada da imagem do gaúcho. Verissimo insere o estereótipo consolidado no imaginário popular de maneira que proporciona a realização de críticas. O código de honra que orienta a atuação dos bravos gaúchos é retratado, algumas vezes, como uma herança retrógrada. O posicionamento mais crítico vem das falas das personagens femininas e do alemão Carl Winter.

No entanto, ao mesmo tempo em que o modelo de conduta enfrenta julgamentos, ele também tem a sua importância ressaltada. Com o advento da vitória dos gaúchos na Revolução de 30, parte da família Cambará se muda para o Rio de Janeiro. Rodrigo leva Flora e os filhos (com a exceção de Jango que desde pequeno passou a maior parte do tempo no Anjico sob os cuidados de Maria Valéria) para morar junto de si.

No cenário carioca, a família Cambará passa por um processo cada vez mais complexo de degeneração. Ao deixarem para trás sua terra natal no Rio Grande do Sul, Rodrigo e Flora encontram-se num estado de convivência distante e passam a viver como um casal divorciado apesar de compartilharem o mesmo teto. Enquanto isso, Floriano, Bibiana e Eduardo trilham caminhos próprios, marcados por escolhas e experiências que exacerbam o desapontamento do patriarca.

Os membros da família que permaneceram em Santa Fé notam a significativa mudança dos que foram morar fora. Conforme a tradição gaúcha, que afirma ser possível encontrar algo perdido ao acender uma vela para o Negrinho do Pastoreio, Maria Valéria, na cena final d'O *Retrato*, suplica à figura folclórica que ajude os Cambarás a recuperarem o juízo. Jango não consegue sequer estabelecer uma relação harmônica com os irmãos. Educado nos valores do interior, criou para com eles um sentimento de repulsa. Floriano, Eduardo e Bibiana, na visão de Jango, são o retrato da decadência moral da família e da própria sociedade. Nenhum deles possuem emprego formal ou ajudam-no com o trabalho na fazenda.

O ponto de vista de Jango fica explícito até nas discussões de cunho trivial que ocorrem dentro do ambiente familiar:

- Quem é que está me cheirando a barbearia?

- Sou eu, Dinda – confessa Floriano.
- Jango levanta a cabeça e diz sério:
- Logo que cheguei também senti...
- Floriano não consegue conter-se:
- Desculpa. Eu sei que teu perfume predileto é o de creolina.
- Jango lança-lhe um olhar hostil e diz:
- Creolina é cheiro de quem trabalha. (Verissimo, 2004, p. 294)

A família que se mantinha coesa até a ida ao Rio de Janeiro, apesar das aventuras amorosas de Rodrigo, desestrutura-se e não consegue reverter o quadro. O título da última parte não é apenas uma mera designação, mas uma poderosa metáfora do destino fraturado dos Cambarás. N' *O Retrato*, Floriano (alter ego do autor) empreende uma jornada interior para desvendar os meandros da estrutura familiar que o rodeia, buscando compreender as razões subjacentes à divisão emocional que transformou cada membro numa ilha isolada.

O Tempo e o Vento conta a história do Rio Grande do Sul desde o período colonial até meados do século XX. Durante o percurso, todos os eventos históricos marcantes estão presentes. O romance de Verissimo envolve as personagens dentro do contexto da época onde as situações acontecem, portanto, há uma grande influência do meio. Nota-se um padrão de personalidade perpetuado ao longo do tempo. O empreendimento de grande envergadura que concebeu a saga visava a elaboração de um romance que abarcasse na íntegra a trajetória do estado de forma que aproximasse o leitor aos acontecimentos históricos.

Erico Verissimo expressava sua decepção com os livros didáticos, enfatizando que essas obras não tinham o poder de instigar um amor genuíno pela história. Para ele, esses materiais eram, em sua maioria, desprovidos de vigor, falhavam em não capturar a essência vibrante dos acontecimentos passados. Em vez de despertar curiosidade pelos relatos históricos, deixavam os leitores desinteressados da narrativa, perpetuando uma visão sobre a herança cultural empobrecida e desprovida de encanto.

Antes de começar o “ambicioso” projeto, eu precisava vencer muitas resistências interiores, a maioria delas originadas nos meus tempos de escola primária e ginásio. Para o menino e para o adolescente – ambos de certo modo sempre presentes no inconsciente do adulto -, o poético, o pitoresco e o novelesco eram atributos que raramente ou nunca se encontravam em pessoas, paisagens e coisas do âmbito nacional e muito menos do regional e ainda menos do municipal. Nossos livros escolares – feios, mal impressos em papel amarelado e áspero – nunca nos fizeram amar ou admirar o Rio Grande e sua gente. Redigidos em estilo pobre e incolor de relatório municipal, eles nos apresentavam a História do nosso Estado como uma sucessão aborrecível de nomes de heróis e batalhas entre tropas brasileiras e castelhanas. (Ganhávamos todas). Nossos pró-homens pouco mais eram

que nomes inexpressivos, debaixo de clichês apagados, em geral de retícula grossa: sisudos gerais, quase sempre de longas costeletas, metidos em uniformes cheios de alamares e condecorações; estadistas de cara severa especados em colarinhos altos e engomados. Parece incrível, mas só depois de adulto é que vim a descobrir que Rafael Pinto Bandeira – que em nossos livros escolares aparecia, num retrato linear a bico-de-pena, como um sujeito gordo, de ar suíno, bigodes de mandarim, tendo na cabeça um ridículo chapéu bicorne com um penacho – era na realidade mirífico aventureiro, cujas façanhas guerreiras e amorosas nada ficavam a dever em brilho, audácia e colorido às dos mais famosos espadachins da ficção universal. Concluí então que a verdade sobre o passado do Rio Grande devia ser mais viva e bela que a sua mitologia. E quando mais examinava a nossa História, mais convencido ficava da necessidade de desmitificá-la. (Verissimo, 1897, p. 288-289)

As trajetórias do Rio Grande do Sul e da família Cambará estão interligadas. É narrado o surgimento, desenvolvimento, apogeu e queda de ambos. No caso do Rio Grande do Sul, seu começo está no processo de colonização que veio a consolidar os limites fronteiriços do país. Depois vem a elevação do território ao status de província partícipe do Império do Brasil. Na condição de unidade federativa, durante o período republicano, tem seu auge na década de trinta, quando os revolucionários liderados por Vargas derrubam a República Velha. Por fim, o declínio gaúcho vem na década seguinte. Alijado do poder, o estado enfrenta as dificuldades da tardia industrialização que nunca foi bem vista pelos caudilhos locais.

Já a família Cambará tem em Chico Rodrigues seu marco inicial. Antigo ladrão de gado, depois de raptar a filha de um imigrante, decide mudar de vida e se casar com a moça. Ele mesmo, inspirado na árvore robusta, nomeia-se como Cambará. O curso da família prossegue através da união do Capitão Rodrigo e de Bibiana. Foi com o filho dos dois, Bolívar, que a família ascende financeiramente. Ao se casar com Luzia, Bolívar coloca o sobrenome Cambará dentro da elite sul-rio-grandense. Após a proclamação da república, Licurgo assume a liderança política em Santa Fé. Daquele momento em diante, a família passava a ter, além do capital financeiro, capital político. Mesmo afastada do PRR, Licurgo e seus filhos sempre se mantiveram na política. A Revolução de 1930 significa o triunfo dos Cambarás também. Rodrigo integra o novo governo federal. A queda do clã-familiar acontece abruptamente, ocorrendo logo após o auge, pois a mudança para o Rio de Janeiro resulta na fratura das relações pessoais.

Diferenciando-se dos livros didáticos, *O Tempo e o Vento* apresenta a história do povo gaúcho com vivacidade. O autor obtém êxito ao concretizar a ideia que originou o esboço inicial do projeto. As personagens, inclusive as que levam nome de figuras célebres, têm sua personalidade desenvolvida de maneira minuciosa. Existe a

preocupação em integrar as situações fictícias com os eventos que influenciaram no estado. Cria-se um amálgama entre os eventos históricos e as personagens. O restante da trama que envolve a livre criação, apresentando conflitos pessoais, relações amorosas e familiares, exercícios de reminiscência e até cenas humorísticas, sofre influência direta da história. Em todos esses momentos há um elemento presente: a identidade gaúcha. Ela é quem acopla os indivíduos com o meio e com a história.

4 PERSONAGENS IDENTITÁRIOS

O *Tempo e o Vento* é reconhecido pela presença de personagens marcantes que conseguiram ultrapassar as fronteiras da literatura, consolidando-se como figuras emblemáticas na cultura gaúcha, sendo conhecidas por uma ampla gama de pessoas, mesmo aquelas que não tiveram a chance de ler o romance na íntegra.

Essas personagens representam não apenas indivíduos fictícios, mas também arquétipos vivos da alma gaúcha. O romance histórico além de retratar os eventos que impactaram no Rio Grande do Sul, traz personalidades recorrentes dentro da cultura do estado. A história ganha vigor dessa forma. Ao fazê-lo, o autor aproxima o leitor com o estudo da formação do povo gaúcho, levando em conta que a rica amostragem que abarca duzentos anos de trajetória proporciona o entendimento em relação às idiosincrasias dos habitantes do Sul do país.

Os arquétipos apresentados não se restringem à imagem suscitada pela literatura romântica, propagada pelas agremiações regionalistas, difundida pela mídia e presente no senso comum. Pelo contrário, os mais diferentes tipos de indivíduos que compõem a sociedade estão inseridos. Dessa forma, há um rompimento com a antiga tradição que tratava a história de maneira unilateral.

A obra sobrepõe as produções que a antecederam. Ela não almeja retificar estereótipos vigentes ou estabelecer novos. A proposta, desde o início, foi retratar com o máximo de fidedignidade a história, apresentando-a de uma forma que ultrapassasse a mera constatação de fatos. Por isso mesmo, as personagens carregam consigo peculiaridades locais capazes de transmitir hábitos, pensamentos, sentimentos que reverberam em ações que influenciam na sociedade e consequentemente na vida política.

Em sua autobiografia (*Solo de Clarineta*), Erico Verissimo descreve o processo de criação do universo literário. Em particular, nomeia indivíduos cujos papéis exerceram importância singular. Entre esses laços, sobressaem-se os vínculos entre Sebastião, seu pai, e Doutor Rodrigo, bem como entre Nestor, seu tio, e Toríbio. Da mesma forma, ressalta-se a afinidade entre Aníbal, seu avô, e Aderbaldo, além da correspondência entre Abegahy, sua mãe, e Flora. Tais comparações revelam a preocupação em trazer modelos de personalidades concretas que são capazes de oferecer uma visão profunda sobre a complexidade das relações humanas.

O escritor da narrativa dentro da obra é Floriano, filho do Doutor Rodrigo e alter ego de Erico. Através dele, ocorrem os movimentos de introspecção mais densos. Os familiares que serviram de inspiração para a escrita correspondem com o mesmo grau de parentesco de Floriano. A família Terra-Cambará possui traços dos Verissimo, assim como todo o espaço circundante no qual a narrativa se passa pode ser comparado com o meio em que Erico Verissimo nasceu e foi criado. Nesse exercício de paralelos, Santa Fé corresponde a Cruz Alta (cidade natal de Erico).

É possível interpretar o processo de produção de *O Tempo e o Vento* como uma forma do autor olhar para si próprio. Tendo como princípio a ideia de que o meio exerce significativa influência na personalidade do indivíduo, a escolha por contar a história do Rio Grande do Sul, valendo-se de conflitos familiares que se originam no interior e se expandem para a capital e, posteriormente, para todo o Brasil, apresentou-se como uma alternativa coerente. A abordagem adotada além de buscar capturar os eventos históricos e sociais da região, também explora as complexidades que compõem as relações humanas. Dessa forma, a obra transcende sua mera função narrativa e passa a espelhar a história do povo gaúcho e os questionamentos do próprio autor sobre identidade, pertencimento e legado.

Permeia na obra, concomitante com a retratação dos fatos históricos, a reflexão sobre as idiossincrasias que são encontradas no Rio Grande do Sul. Ela aparece em situações importantes e está presente em conversas, onde as próprias personagens ponderam a respeito.

Um diálogo relevante que trata sobre o tema é a extensa discussão travada entre Rodrigo, Tio Bicho, Terêncio, Floriano e Irmão Toríbio. Tendo que ficar resguardado no quarto, Rodrigo reunia os amigos para debater política à noite. Apesar de pequeno, o grupo contava com as mais diferentes visões no tocante à política, filosofia, economia e religião.

Nessa conversa, Tio Bicho tece sua teoria sobre os gaúchos:

- Digo. Também tenho esse direito, doutor. Mas... deixem-me terminar o bestialógico. Outro mal que nos aflige é o nosso sebastianismo farroupilha, o nosso bentogonçalvismo, que até hoje nos tem mantido separados psicologicamente do resto do país, alimentando o nosso permanente ressentimento. Nossos compatriotas lá de cima chegam às vezes a pensar que pertencemos à órbita platina. (Verissimo, 2004, p. 283)

Em seguida, Floriano corrobora com a fala de Tio Bicho:

- No Rio Grande – continua Floriano -, há gente que ainda permanece na ilusão de que possuímos o monopólio da coragem e da audácia no Brasil. Daí expressões como “centauro dos pampas”, “monarca das coxilhas”, “fazer uma gauchada”, et cetera.

- Não me venhas...- começa Rodrigo. Mas não termina a frase. Não vale a pena – reflete -, porque esses intelectuais são um caso perdido. Transformam suas deficiências em virtudes e suas inclinações em leis. Floriano, como o velho Aderbal, nunca foi de briga, logo, procura negar o valor da coragem física.

- Outro mito – continua o escritor – é o da indumentária. Muito gaúcho procede como se bombacha, botas e esporas fossem símbolos de hombridade, desprendimento, nobreza de caráter.

Terêncio e Rodrigo entreolham-se. Irmão Toríbio, que nos últimos minutos esteve junto da janela, a escutar o céu, aproxima-se de Floriano, que continua com a palavra:

- O Bandeira há pouco falou de nosso *bentogonçalvismo*. Existem ainda gaúchos que não conseguem examinar o Rio Grande e sua gente objetivamente, quero dizer, sem *verbalizações épicas*. Não procuram ver o que somos, temos e fazemos *hoje*, não enxergam a nossa realidade (para usar uma palavra perigosa), porque, por uma exigência de seu formidável superego, precisam acreditar nesse Rio Grande idealizado pela poesia, pela epopeia e pela mitologia.

- Estava tardando a entrar em cena o Freud... – ironiza Rodrigo.

- No momento em que escrevemos ou pronunciamos a palavra *gaúcho ou Rio Grande*, nas coxilhas e pampas do nosso espírito, surge Garibaldi com seus lanceiros de 35... Chico Pedro e suas califonias... Pinto Bandeira tomando o forte de Santa Tecla... E daí por diante entramos em transe, começamos a ter um comportamento tanto parecido com o do esquizofrênico. (Verissimo, 2004, p. 290)

A crítica de Floriano não tem como base um pensamento rebelde que busca a mera desconstrução da imagem associada ao gaúcho. A personagem quer que a sociedade tenha uma visão pautada na realidade. Acredita que com esse exercício será possível que os indivíduos se aproximem da realidade, pois é justamente esse contato que proporcionará o desenvolvimento que o estado requer.

Terêncio parece estonteado.

- Mas é assustador! – exclama. – Os senhores destroem tudo, não acreditam em nada e em ninguém! Se nós os gaúchos jogamos fora os nossos mitos, que é que sobra?

Floriano olha para o estancieiro e diz tranquilamente:

- Sobra o Rio Grande, doutor. O Rio Grande sem máscara. O Rio Grande sem belas mentiras. O Rio Grande autêntico. Acho que à nossa coragem física de guerreiros devemos acrescentar a coragem moral de enfrentar a realidade.

- Mas o que é que o senhor chama de *realidade*?

- O que somos, o que temos. E não vejo por que tudo isso deva ser necessariamente menos nobre, menos belo ou menos bom que essas fantasias saudosistas do gauchismo com que procuramos nos iludir e impressionar os outros.

- Não estão falando a minha língua – murmura o Liroca, que tem estado a dar cochiladas intermitentes.

- Os mitos sempre existiram – prossegue Floriano – como expressões da irremediável força do cosmos refletidas nas culturas humanas. E mesmo no âmago das religiões, das filosofias, das manifestações artísticas e até mesmo da ciência, existe um remoto núcleo mítico. E é curioso que muitos dos mitos

e símbolos das civilizações primitivas continuam a aparecer, sob os mais variados disfarces, nos sonhos do homem moderno. O que me parece absurdo é essa nossa mitologia fabricada por uma literatura duvidosa e feita sob encomenda. É desse civismo convencional de grupo escolar que nos devemos livrar. Nunca preguei nem desejei a destruição ou difamação dos heróis da nossa história. O que sempre achei absurdo foi a projeção desses homens no plano ideal, com prejuízo de sua humanidade, de sua autenticidade, de sua verdade existencial. (Verissimo, 2004, p. 293)

Na parte final da mesma discussão, Floriano comenta sobre a participação feminina nos conflitos que envolveram o Rio Grande do Sul, tentando demonstrar a importância que as mulheres tiveram durante constituição da formação do estado:

- A mim me impressiona muito menos uma carga de cavalaria dos Farrapos - continua Floriano – do que a coragem das mulheres desses guerreiros que ficaram em suas casas esperando os maridos, os filhos e os irmãos que tinham ido para a guerra. As mulheres que durante horas incontáveis de agonia ficaram ouvindo o uivar do vento no descampado e o lento arrastar-se do tempo.
- Mas sem esses guerreiros – intervém Rodrigo, subitamente interessado na conversa – essas mulheres teriam sido violadas ou assassinadas pelo invasor. Sem esses guerreiros o Rio Grande não seria hoje território brasileiro.
- Está bem – replica Floriano -, mas sem mulheres como a velha Ana Terra, a velha Bibiana e a velha Maria Valéria (isso para citar só gente de casa) não existiria também o Rio Grande. Elas eram o chão firme que os heróis pisavam. A casa que os abrigava quando eles voltavam da guerra. O fogo que os aquecia. As mãos que lhes davam de comer e de beber. Elas eram o elemento vertical e permanente da raça. (Verissimo, 2004, p. 293 e 294)

Desde o início, a obra é marcada pela presença de personagens femininas fortes. As mulheres são protagonistas da história ao lado dos homens. Essa é uma das inovações trazidas pelo autor. Os livros antecessores que se propuseram retratar a realidade do estado, além de cair no senso comum, não exploravam com a devida atenção as personagens femininas.

Nota-se que essas personagens dispõem de voz e exercem movimentos de introspecção complexos. Em *Solo de Clarineta*, Erico Verissimo conta a respeito do exercício elaborado por ele durante a escrita:

Como pode um romancista do sexo masculino – perguntou-me alguém um dia – descrever com verdade e autenticidade os sentimentos duma mulher? Expliquei-lhe que, no meu caso, sempre que tinha de fazer isso eu procurava ser essa mulher. Meu interlocutor me olhou meio espantado e calou-se, aparentemente insatisfeito, e talvez até meio desconfiado de minha masculinidade. (Verissimo, 1987, p. 298)

A linhagem das mulheres protagonistas tem seu nascedouro em Ana Terra. A personagem demonstra uma força descomunal durante sua jornada. Enfrenta a

realidade rústica do interior que se encontrava em constante ameaça de invasão pelos castelhanos, perde Pedro (pai do seu filho) assassinado brutalmente pelos próprios irmãos, é violentada sexualmente, presencia a morte do pai e dos irmãos e ainda assim encontra disposição para recomeçar a vida em Santa Fé.

A neta de Ana Terra, Bibiana, dá prosseguimento ao legado construído. Numa época em que não havia autonomia da parte das mulheres na escolha do marido, precisou superar a resistência familiar para casar com o Capitão Rodrigo. Manteve-se no casamento mesmo com as frequentes traições de Rodrigo e criou os filhos sozinha depois de sua morte na Revolução Farroupilha.

Cabe a Maria Valéria a sucessão da condição de matriarca da família após o envelhecimento de Bibiana. Com a morte de Alice após o parto malsucedido, recai sobre ela a responsabilidade de criar Toríbio e Rodrigo e de cuidar do Sobrado, mantendo-o em harmonia. Nos momentos mais críticos como no caso da Revolução de 1923 ou do conflito entre os seus sobrinhos gerado por divergência política, Maria Valéria exerceu a difícil tarefa de acalmar, aconselhar e conciliar os familiares.

A última representante da vertente de mulheres fortes é Silvia. A afilhada de Rodrigo entra definitivamente na família mediante o casamento com Jango. Antes de se casar, Silvia troca cartas com Floriano por quem sempre foi apaixonada. Com a indefinição do rapaz em decidir seu futuro, ela decide ceder aos flertes de Jango e a pressão de Rodrigo e Maria Valéria que apoiavam a união. Mesmo após o casamento, Silvia continua amando Floriano. No entanto, o caminho tomado em nome do bem-estar familiar é o sacrifício. A personagem decide continuar com o homem pelo qual não possui nenhuma afinidade e tentar ter filhos com ele.

O sacrifício em prol da família é uma característica comum a todas as mulheres que ocupam a posição de matriarcas do clã Terra-Cambará. Suas jornadas são marcadas por uma sequência renúncias. Elas mesmas reconhecem a dificuldade do papel que exercem. A reação de Ana Terra de rogar a Deus piedade ao conduzir partos em que a criança nascida fosse uma menina, fê-lo no nascimento de Bibiana também, demonstra o sentimento feminino perante a estrutura em que a sociedade estava posta.

A oposição a esse arquétipo feminino que tem como centro de existência a manutenção do lar, o cuidado dos filhos e do marido, é a mulher que pode ser encontrada fora de casa, pertencente à uma família alheia, que esbanja sensualidade. Ao consumir a conquista dessa mulher, o homem gaúcho não elabora planos mais

sofisticados para com ela. No máximo, ele a colocará na posição de amante, mantendo-a sempre à margem de suas relações mais profundas. Esse comportamento deixa evidenciado o machismo cultural presente na sociedade rio-grandense, onde a mulher que obtém certa autonomia em relação aos homens é considerada desqualificada para a instituição do casamento.

As mulheres da vida são um território a ser “conquistado”, um corpo a ser “possuído”, “submetido”, “violentado”, um corpo que deve “entregar-se”. O corpo sexuado evoca cheiros e tessituras que despertam todos os sentidos, são frutas, carnes, flores e que encontram correspondência nos sentidos de outros corpos; são perigosos, traidores e não são confiáveis. O corpo sexuado é como a rua à noite, desafiador, perigoso, fascinante. As mulheres da casa são senhoras de boa alma, as mulheres da rua são criaturas de belos corpos. Essa é a divisão que perpassa o imaginário social de *O Tempo Vento*, a divisão do corpo feminino em um corpo materno versus um corpo prostituído indigno. É verdade que certas trajetórias individuais reduzem o universo feminino da obra, a história das mulheres, seus corpos e suas vozes, a essa dicotomia simplista, mas a força desse imaginário tem servido, na história da nossa cultura, como um modelo, um exemplo, um modo de ser feminino a ser seguido. (Almeida, 2000, p.80)

A história incorpora os dois tipos de mulheres presentes no imaginário rio-grandense. De um lado, a "prenda", tida como a esposa ideal, dedicada restritamente ao casamento. Do outro, a "china", cujo papel é entreter os homens, personificando uma aura de liberdade e irreverência que se configura como a oposição à vida doméstica. Essas duas figuras não só ocupam espaços distintos dentro da sociedade, mas também representam diferentes facetas da feminilidade, espelhando os desejos, desafios e aspirações das mulheres em um contexto cultural específico. Enquanto a "prenda" personifica estabilidade e tradição, a "china" encarna a inquietação e a busca pela própria identidade dentro de uma estrutura social inflexível.

Observa-se que não há nenhuma personagem feminina de destaque com sangue Cambará. O fato é significativo, pois os Cambarás simbolizam a essência do arquétipo do monarca das coxilhas, uma figura poderosa na narrativa. Os homens da família Cambará são apresentados como figuras centrais que se alinham completamente com o conjunto de práticas e valores que definem o ideal do gaúcho valente. Esse ideal inclui características como coragem, habilidade com cavalos, destreza no manejo de armas e um código de honra próprio. Assim, os Cambarás são retratados como guardiões perpetuadores dessas tradições. A ausência de mulheres notórias nascidas na família Cambará ressalta a ênfase na figura masculina dentro da

estrutura cultural, destacando o papel predominante dos homens na preservação e transmissão de valores ao longo das gerações.

O Capitão Rodrigo configura-se como símbolo dessa tradição de homens. Apesar de estar presente apenas n'*O Continente*, sua participação é fundamental para a construção do ideal do gaúcho na obra. Corajoso, conquistador, audacioso, forasteiro, irreverente e apaixonado por guerras, a personagem reúne em si todas as características atribuídas aos sul-rio-grandenses.

No *Solo de Clarineta*, Erico tece comentários a respeito das peculiaridades do Capitão Rodrigo:

Quando e como nasceu o Capitão Rodrigo Cambará? Eu mentiria se respondesse com certeza a essa pergunta. Há tipos óbvios e inevitáveis. O problema é como aceitar a inevitabilidade do óbvio sem cair no estereótipo. A palavra gaúcho está associada em nosso espírito a termos como macho, bravo, violento, mulherengo, aventureiro, nobre, generoso... Talvez eu não esteja muito longe da verdade se disser que, antes de ter corpo e nome, o Capitão Rodrigo era uma ideia no meu cérebro – de certo modo o símbolo duma rude estirpe duma era áspera. Às vezes, leitores me perguntam que pessoa da vida real me serviu de modelo para essa personagem, e eu respondo com a maior sinceridade que o marido de Bibiana deve ser um tipo compósito, produto de maquinações do inconsciente. (Verissimo, 1987, p. 296)

Em seguida, o autor escreve também sobre o temperamento de Rodrigo que acaba por simbolizar o espírito do homem do pampa:

Como era o meu herói fisicamente? Ora, tenho observado que em geral os homens do temperamento de Rodrigo não são altos. Assim, descrevi-o como um tipo de estatura mediana, e me pareceu natural que ele usasse barba, e que tivesse olhos claros. Não havia porventura sangue flamengo nas veias de muitos açorianos que no século XVIII se estabeleceram no litoral do Rio Grande? Mais tarde eu haveria de coonestar a cor desses olhos, descrevendo a cena em que o pai de Rodrigo rouba de casa a filha dum colono açoriano de Viamão, uma “ruiva de olhos garços”. Desde o momento em que vi o capitão em meus pensamentos, com um corpo, um nome e já com certas tendências ou ímpetos, esse homem passou a existir. E como estava vivo e tinha um temperamento feroso, a primeira coisa que fez foi livrar-se de seu criador. Quem sou eu para sujeitar um potro como o Capitão Cambará? (Verissimo, 1987, p. 297)

O sucesso da personagem junto aos leitores gaúchos demonstra que a captação das idiossincrasias do Rio Grande do Sul foi realizada de maneira exitosa. Com o decorrer do tempo, Capitão Rodrigo foi absorvido pela cultura popular. Sua história, inclusive, passou a ser retratada pelos CTGs e o seu modelo de conduta foi

tomado como exemplo de virtude a ser seguido pelos homens ligados ao tradicionalismo.

A partir da criação dele, o ideário existente do gaúcho adquire uma forma concretada. Verissimo realiza um amálgama das características que eram apregoadas ao estado. Em sua biografia, o autor d'*O Tempo e o Vento* menciona uma passagem que o marcou. Nela, está explicitado o tamanho do apreço que a personagem conseguiu despertar no público:

Lembro-me do gosto e da fluência com que narrei a estória dum certo Capitão Rodrigo. Muitos anos depois que publiquei *O Continente* encontrei um gauchão simpático de Uruguaiana que me confessou que, ao terminar o capítulo em que descrevo a morte do herói, não pôde conter o pranto, e naquele dia ficou em casa, de luto, como se tivesse perdido um membro da própria família. Não tenho memória de nenhum elogio de crítico que me haja tocado tanto como as palavras desse leitor. (Verissimo, 1987, p. 298)

Bolívar, filho de Bibiana e Rodrigo, dá prosseguimento ao legado do pai. Apesar de ter uma personalidade distinta, sendo mais introspectivo, continua sendo um representante do arquétipo do gaúcho indômito. Em sua curta vida, ele combate numa guerra em solo estrangeiro, conquista a mulher amada em uma disputa com o próprio primo, através desse casamento modifica a situação financeira da família e morre de arma na mão trocando tiros com os capangas do clã dos Amarais.

O filho de Bolívar, Licurgo, também se adequa ao estereótipo do monarca das coxilhas. Além de possuir o ímpeto característico dos homens que o antecederam, ele é o primeiro membro da família que herda quadras de campos. A partir dele, os Cambarás passam a ter representação política no cenário municipal e estadual. Licurgo transforma o poder econômico em poder político e torna-se um líder influente em Santa Fé.

Por ter crescido em outro contexto financeiro, Licurgo teve a oportunidade de receber instrução educacional de maneira formal. Bibiana, responsável por sua educação, encarregou-se de contratar figuras tidas como intelectuais para que a criança tivesse acesso ao conhecimento em áreas distintas. Mesmo assim, Licurgo não se tornou um homem propriamente culto, nem curso superior chegou a frequentar. A vida no campo, o trato com os peões e os animais sempre o cativaram mais.

Devido à morte de Bolívar, Fandango acaba por ocupar o papel de figura paterna na vida de Licurgo. O empregado encarregado de cuidar da estância passa adiante todo aprendizado que obteve de forma empírica em décadas de trabalho.

Aos quinze anos Licurgo Cambará era já um homem. Usava faca na cava do colete, fumava, fazia a barba e já tinha conhecido mulher. Estudava história e linguagem com o dr. Nepomuceno, aritmética e geografia com o vigário, e ciências com o dr. Winter. O resto – que para ele era o principal – aprendia com a própria vida, com a peonada do Angico e principalmente com o velho Fandango, o capataz. O português que o dr. Nepomuceno lhe ensinava era um idioma estranho que muito pouco tinha a ver com a língua que se falava no galpão e na cozinha da estância. Fandango achava que o conhecimento da aritmética não fazia nenhuma falta as pessoas. Tinha uma teoria própria sobre as quatro operações. “O homem trabalhador”, dizia ele, piscando o olho, “soma; o preguiçoso diminui; o sábio multiplica e só o bobo divide.” Nunca frequentara escola, e no entanto era capaz de, numa passada d’olhos, dizer quantas cabeças de gado havia numa tropa. (Verissimo 2004, p. 200)

Fandango é uma das personagens que expressa de maneira enfática a cultura regional. Ele lutou na cavalaria dos farrapos durante a Revolução Farroupilha e, já idoso, defendeu o Sobrado na Revolução Federalista. Conhecia o Rio Grande do Sul profundamente, sendo capaz de chegar a qualquer lugar apenas com o auxílio de um cavalo. Além de ser famoso por sua paixão pela farra, era também um notável contador de causos que conseguia reunir pessoas de todas as classes sociais.

O discurso do Doutor Rodrigo no funeral de Fandango sintetiza o papel que ele desempenhou na história e como a cultura estadual estava profundamente enraizada em sua vida:

- Fandango, amigo velho, quero te dizer alguma coisa em meu nome e no de todos os teus amigos, antes que te vás embora pra sempre. Um homem como tu não pode se acabar. Algo de ti tem de continuar com a gente, e é por isso que nós vamos te plantar no chão, nesta terra boa do Angico, na esperança de que te transformes amanhã numa árvore de sombra, bela, forte e generosa como tu. Viveste uma vida comprida e cheia. Morreste como querias: de pé e de repente. Não eras apenas um homem, mas também um símbolo - um símbolo deste velho Rio Grande indomável, meio rude mas cavalheiresco e bravo, eras o representante duma estirpe antiga e nobre, que hoje está correndo o risco de se acabar... (Verissimo 2004, p. 88)

O filho mais velho de Licurgo, Toríbio, nutre os mesmos hábitos rurais. Assim como pai, nasce num momento em que a família se encontrava em boas condições financeiras, porém mesmo assim opta por trabalhar e viver dentro da estância. As únicas vezes em que deixa o Rio Grande do Sul é para participar de movimentos revolucionários, como ocorreu durante a Coluna Prestes e a Revolução Constitucionalista.

Toríbio carrega valentia e imprudência equivalente ao Capitão Rodrigo. Nota-se nele um grande anseio pelo conflito armado. Além das duas revoltas que ocorreram fora do estado, ele participa da Revolução de 1923, montando e liderando a cavalaria dos federalistas contra as forças legalistas.

O outro filho de Licurgo, Rodrigo, possui uma personalidade distinta. Apesar de ter o mesmo ímpeto de coragem, quer sobrepujar os cenários de Santa Fé e do Rio Grande do Sul. Sonha em viajar para a Europa, conhecer outras culturas e tem a pretensão de mudar o rumo político da república. Sua visão de mundo é cosmopolita. Em oposição aos outros homens da família, que interpretam a absorção de costumes e de tecnologias vindas de fora como algo maléfico, enxerga na modernidade uma forma da sociedade gaúcha alcançar o progresso.

As diferenças entre os dois irmãos ficam evidenciadas em diálogos mantidos ao longo da narrativa. As interações verbais entre eles, que na maioria das vezes acontece de forma amorosa, destacam suas personalidades distintas, seus valores divergentes e suas perspectivas de vida contrastantes.

- Mas chamas aproveitar a vida passar quase todo o tempo no Angico fazendo aquele serviço bruto?
- Pois isso é que me diverte, homem. Camperear no lombo dum cavalo, comer bem, ter boas mulheres, bom chimarrão e, uma vez que outra, um copo de caninha e um joguinho de baralho...
- E nessas coisas se resumem teus ideais?
- Não. Tem mais. De vez em quando uma briga, uma revoluçãozinha pra gente desenferujar as armas e as juntas.
Rodrigo deu-lhe um empurrão afetoso.
- És um bárbaro! Representas um Rio Grande que tende a desaparecer, um Rio Grande que vive em torno do boi e do cavalo, heroico, sim, não há dúvida, mas selvagem, retardatário. Ninguém pode deter a marcha do progresso e da ciência, e os que se atravessarem no caminho serão esmagados. Tipos como o Trindade e seus capangas, no futuro hão de ser apenas artigos de museu.
- Não me compares com esses cafajestes nem me venhas dizer que eles representam o verdadeiro Rio Grande. Gaúchos de verdade são o velho Fandango, o Babalo, o papai e miles e miles de outros.
- Não me compreendeste! Sou também pela manutenção das tradições de honra e coragem da nossa terra. Mas também sou pelo progresso. Um dia o automóvel há de desbancar o cavalo. E muito ídolo cairá por terra, muito costume será modificado. É uma fatalidade, Bio. (Verissimo 2004, p. 135)

Por destoar das demais figuras masculinas de Santa Fé, Rodrigo enfrenta estranhamento por parte dos mais tradicionais. Uma de suas características é a vaidade excessiva. Ele aprecia perfumes, roupas bem cortadas, sapatos caros e gravatas chamativas. Sua excentricidade estende-se até ao campo gastronômico, constantemente, a contragosto de Licurgo, importa vinhos e petiscos da Europa. Outra

circunstância que o faz contrastar dos outros homens é seu diploma de médico numa região onde nem os filhos dos grandes proprietários de terras tinham o hábito de frequentar o ensino superior.

As personagens masculinas da saga buscam reafirmar sua virilidade com frequência. Devido aos olhares atravessados, Rodrigo encontra ainda mais necessidade de fazê-lo. Mesmo tendo relativamente uma mentalidade moderna, ainda carrega consigo inseguranças e preconceitos típicos de um caudilho. Brigas no meio da rua ou dentro de estabelecimentos e ameaças ostensivas a quem o contrapõem são uma tônica presente.

Nos preparativos da cerimônia de noivado de Jango com Silvia, ao ver o decorador, Rodrigo deseja que o rapaz seja espancado por conta do seu jeito “afeminado”. Há todo momento faz afirmações que reiteram o caráter másculo ou bélico do povo gaúcho. Num debate com o jovem Rubim, chega a classificar o Rio Grande do Sul como um estado “espartano”:

- Sim, mas o campo de batalha era quase sempre o nosso território. Esta foi a terra devastada. Já pensaste nisso? Imagina só as incertezas duma fronteira móvel a subir e a descer ao sabor das guerras e dos tratados. O perigo constante, as nossas mulheres sempre de luto e meio abandonadas, as lavouras destruídas ou sem braços, o gado dizimado, os homens mortos ou mutilados. Já pensaste?

- Estamos conversando como se fôssemos representantes de duas nações rivais, hein? E quem tem culpa disso são vocês, com essa mania de separatismo, de...

- Alto lá, capitão! – interrompeu-o Rodrigo. – Nunca fomos separatistas, mas sim liberais que sempre desejaram uma República Federativa. Esse foi o sentido da Guerra dos Farrapos. Aliás, para seres coerente com tuas ideias nietzschianas, devias admirar um Estado espartano como o nosso, que é uma espécie de Prússia brasileira... (Verissimo 2004, p. 183)

Outra personagem fundamental para a compreensão da identidade gaúcha presente n' *O Tempo e o Vento* é Carl Winter. Ele termina por se mudar para o Brasil em decorrência de uma revolução malsucedida da qual fez parte no seu país natal. Formando em medicina, para ter uma fonte de renda exerce a profissão logo que desembarca. No entanto, nota de imediato as discrepâncias entre a ciência aplicada na Europa daquele período e os métodos de tratamento que encontra nas pequenas cidades do interior.

Winter observa desde coisas triviais, como as próprias formas de medicamentos indicados por quem é responsável pelo tratamento dos enfermos ou o corriqueiro jeito rude de se expressar dos moradores de Santa Fé, até a estrutura

social do Rio Grande do Sul. A personagem analisa os eventos que testemunha, oferecendo uma perspectiva sociológica sobre eles, assim como faz Floriano. Ambos tentam entender as particularidades dos gaúchos.

O autor materializa com a presença de Carl Winter uma análise que vem de fora, sem vícios. O médico, além de não ter nascido no estado, também não é brasileiro. Cada interação estabelecida e cada elemento observado são completamente novos, contrastando com Floriano, que, sendo gaúcho, foi criado imerso nos valores predominantes da região.

Surgem questionamentos importantes da parte de Winter: Não há livros de autores locais? Não são produzidas peças teatrais? Onde estão as exposições artísticas? Ele tenta encontrar respostas ao longo da história, apontando os constantes conflitos armados pelos quais o estado esteve sujeito como uma das respostas. Talvez a necessidade de travar guerras sem intervalos duradouros entre o término de uma e o começo da outra fosse uma explicação plausível.

A violência chama atenção dele. Quando Bibiana o convoca para tentar ajudar seu filho que estava enclausurado no quarto após agredir Luzia, ele reflete, durante a conversa com Bolívar, que a ânsia por violência que está visível no semblante do rapaz não era um fenômeno singular, e sim uma marca presente na sociedade.

Honra e vergonha... - pensou Winter. Como os homens do Rio Grande falavam em honra e vergonha! Honra manchada lavava-se com sangue. Havia uma lei que proibia os duelos, mas os duelos se realizavam assim mesmo, a tiros, a espada, a adaga. O dr. Nepomuceno falava com solenidade em Justiça, mas aqueles homens realistas não confiavam em juízes e tribunais. Resolviam suas pendências pelas armas: faziam justiça pelas próprias mãos. (Verissimo 2004, p. 149)

Por não se enquadrar na mecânica do Rio Grande do Sul, Floriano não encontra espaço nem dentro do seu clã familiar. Assim como Carl Winter, vê-se como um estrangeiro. A diferença existente entre eles é o fato de Floriano cobrar-se para conseguir fazer parte da sociedade. Winter até busca um distanciamento, inclusive com os alemães que formaram colônias no Brasil. Sendo assim, o alter ego de Erico Verissimo sofre durante esse processo. A necessidade de buscar um encontro consigo mesmo gera a escrita do romance pela personagem (o que é revelado para o leitor na última parte d'*O Arquipélago*).

A busca de Floriano simboliza também a indagação do autor d'*O Tempo e o Vento*. Em sua obra, Verissimo utiliza-se de todos esses artifícios para compreender

como o Rio Grande do Sul e o Brasil chegaram nos estágios que se encontravam. Os elementos presentes (personagens, fatos históricos e cenários) convergem para o mesmo ponto. Eles apresentam a existência de idiossincrasias do povo gaúcho. Por meio dessas personagens, o leitor tem acesso ao quadro que forma a identidade gaúcha.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, foi explorado o tema da identidade gaúcha no livro *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo. Destacou-se sua importância na compreensão global da narrativa. Através da análise dos elementos culturais, históricos e sociais presentes na obra, foi possível perceber como a identidade gaúcha se manifesta de forma intrínseca e influencia diretamente o desenvolvimento das personagens e da trama como um todo.

A tese defendida propaga a necessidade da identificação da identidade gaúcha para uma leitura profunda e significativa. As personagens que a representam são figuras emblemáticas que personificam valores como coragem, bravura e resiliência tão intrínsecos à cultura regional. Suas jornadas e dilemas refletem características individuais e coletivas. Ainda há outros aspectos explorados como a vida nas estâncias, as lutas contra os inimigos, a relação com a terra e o cavalo que são componentes cruciais na construção do estereótipo. Esses elementos reais, quando entrelaçados com a fantasia e a idealização romântica, dão origem ao personagem que personifica o Rio Grande do Sul.

Analisou-se também as causas que levaram o movimento de afirmação de uma identidade regional. Para tanto, foi abordado os objetivos que a escola literária do romantismo brasileiro, em voga no século XIX, almejava. A partir do entendimento de que havia uma intensa procura em consolidar uma identidade nacional para o país recém independente, foi possível contextualizar a criação da imagem do monarca das coxilhas como representante dos gaúchos.

Levando em conta que a imagem do gaúcho associada ao caudilhismo, que se disseminou pelo Brasil, está vinculada à atuação de líderes regionais como Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, mostrou-se a influência positivista na esfera pública do estado e as interversões que essas ideias ocasionaram na sociedade. Fez-se necessária ainda uma investigação sobre a mudança na interpretação da história do Rio Grande do Sul em diferentes épocas. A exemplo da Revolução Farroupilha que, ao invés de ser tratada como um movimento de cunho separatista, passou a ser vista como um acontecimento patriótico que teve reverberada na proclamação da república sua importância.

Para completar o cenário, foi importante trazer a história da formação do folclore gaúcho, enfatizando sua participação no processo de escolha do mito

fundador. Revisitou-se os primórdios do movimento tradicionalista, citando os fundadores e as ações que foram vicejadas por eles, que inclui desde a constituição de entidades culturais até o imaginário popular que ainda está em vigor. Esse olhar retrospectivo permite compreender as raízes e a evolução do folclore gaúcho que vieram a resultar na construção da identidade cultural local que está inserida na obra de Verissimo.

Através da pesquisa, ficou em evidência que a imagem do cavaleiro das coxilhas serviu para preencher um vazio simbólico, oferecendo ao imaginário coletivo uma figura que encarnava valores sublimes que deveriam servir de modelo. Por isso mesmo, houve contribuição do próprio governo estadual durante o processo de seleção das características que seriam apregoadas como representantes de todos os gaúchos.

Desse modo, entender a identidade gaúcha n'*O Tempo e o Vento* é mergulhar num vasto universo, onde passado, presente e futuro se entrelaçam. É reconhecer que por trás de cada personagem há uma história que se confunde com a trajetória do Rio Grande do Sul. Sendo assim, foi realizado um estudo dos eventos históricos narrados e de como as personagens agiam diante deles, além do exame aprofundado sobre os modelos identitários das personagens.

Erico Verissimo desenvolve todo trabalho em cima dela, não com artificialismo, ao contrário, agrega um olhar crítico aos valores predominantes. Constantemente as personagens realizam movimentos de introspecção que acabam suscitando reflexões sobre como as coisas tendem a acontecer na sociedade sul-rio-grandense. Inclusive, uma das personagens mais críticas, Floriano, é, dentro da obra, quem tem a missão de escrevê-la.

Demonstrou-se que *O Tempo e o Vento* propõe contar a história do Rio Grande do Sul através de personagens que possuem um modelo de conduta que pode ser encontrado com facilidade na sociedade gaúcha. Além disso, trabalha com questões importantes, outrora, deixadas à margem. O papel das mulheres, a escravidão, as dificuldades dos peões e a presença imigratória são assuntos levantados. Ao fazê-lo, o autor apresenta um quadro completo. Não à toa, a narrativa, que se inicia no ano de 1745, termina, em 1945, realizando uma reflexão sobre os efeitos da modernidade, que vão desde a alteração nas paisagens urbanas até aos sobrenomes novos de profissionais liberais e políticos.

O presente trabalho de conclusão de curso visa contribuir de maneira profícua para a pesquisa no campo de estudo da obra *O Tempo e o Vento*. Também possibilita o surgimento de novos trabalhos que venham explorar em maior profundidade a questão da identidade gaúcha na obra de Erico Verissimo. Ao abordar temas históricos, sociais e culturais, o trabalho oferece uma análise que poderá servir de referência para pesquisadores interessados em desvendar os múltiplos aspectos da identidade regional e sua representação literária. Essa contribuição é relevante, pois permite um diálogo contínuo em relação à importância d'*O Tempo e o Vento* na literatura brasileira e seu impacto na formação da identidade cultural do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **O Gaúcho**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- ALMEIDA, Lélia. **Num Território de Figuras Femininas**. In: GONÇALVES, Robson Pereira de (org.) **O Tempo e o Vento: 50 anos**. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2000.
- CERQUEIRA, Monique Hellen Santos Reis. **A Guerra do Paraguai na Construção Nacional do Império**. Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF v.19 n.2, p. 21 – 35, 2020. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/11692/114115382> Acesso em: 24/01/2024
- CHAVES, Flávio Loureiro. **O Narrador como Testemunha da História**. In: GONÇALVES, Robson Pereira de (org.) **O Tempo e o Vento: 50 anos**. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2000.
- ROMERO, Sílvio. **O Brasil Social e Outros Estudos Sociológicos**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2001.
- ORLÉANS, Gastão de. **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- OS 50 ANOS DE O TEMPO E O VENTO 2013. Vídeo. 7min54s. Publicado pelo canal Zero Hora. 21 set. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CbEp3nAMjqQ> Acesso em: 3 jan. 2014.
- VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento**. 3. ed. São Pulo: Companhia das Letras, 2004.
- VERISSIMO, Erico. **Solo de Clarineta**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- WEINHARDT, Marilene. **Considerações sobre o Romance Histórico**. Letras N.43, p. 49-59, 1994. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/328064507.pdf> Acesso em: 05/03/2024
- ZALLA, Jocelito. **História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito**. Revista Brasileira de História v. 31. n.32, p. 49 – 70, 2011. Disponível em: <https://professor.ufrgs.br/jocelitozalla/files/a05v31n62.pdf> Acesso em:28/01/2024
- ZALLA, Jocelito. **Simões Lopes Neto e a fabricação do Rio Grande gaúcho**. Porto Alegre: Editora Oikos, 2022.